

## Anexo I

O Ateneu e sua fortuna crítica – bibliografia comentada

Franco Baptista Sandanello

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANDANELLO, FB. Anexo I - O Ateneu e sua fortuna crítica – bibliografia comentada. In: *O escorpião e o jaguar: o memorialismo prospectivo d'O Ateneu*, de Raul Pompeia [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 257-314. ISBN 978-85-7983-672-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# ANEXO I

## O *ATENEU* E SUA FORTUNA CRÍTICA – BIBLIOGRAFIA COMENTADA

### Nota inicial

O levantamento da recepção crítica d'*O Ateneu* que se dará nas páginas subsequentes é, para todos os efeitos, de caráter ilustrativo, e serve apenas como complemento à discussão do subcapítulo “O legado da contradição”. Os comentários acrescidos a cada entrada bibliográfica têm em vista orientar o leitor nas linhas gerais de interpretação do romance, e não devem ser vistos como juízos definitivos ou valorativos acerca dos trabalhos em questão. É escusado dizer, em todo caso, que todos eles trazem, à sua maneira, contribuições valiosas para o conjunto da fortuna crítica; portanto, não nos deteremos em uma postura encomiástica, voltada para o mero elogio de cada texto individual, que seria assim redundante: sua presença nesta lista já demonstra, por si só, a importância dos diálogos que se dão entre si. Caso haja, por vezes, generalizações e reducionismos dentre nossos apontamentos, desculpamo-nos de antemão, reforçando a intenção original de classificar em três linhas interpretativas os itens indicados, como forma de contribuir para a reorganização do problema classificatório d'*O Ateneu*.

Aproveitamos, ainda, para especificar as instituições em cujas bibliotecas consultamos fisicamente os itens elencados a seguir

(bem como, de maneira geral, toda a bibliografia do presente livro, salvo consultas *online* de material digital): Universidade Federal de São Carlos; Universidade Estadual Paulista – *campi* Araraquara e São José do Rio Preto; Universidade de São Paulo – FFLCH; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Estadual do Rio de Janeiro; Fundação Biblioteca Nacional; Universidade Estadual do Amazonas; Universidade Estadual da Paraíba; Universidade do Algarve – Campus Gambelas (Portugal); e Universidade de Lisboa (Portugal). Ademais, foram também consultados diversos itens da Universidade Estadual de Campinas via Comutação Bibliográfica (COMUT).

## Obras de Raul Pompeia

### • Edições cotejadas d’O Ateneu

As edições do romance têm tido um percurso acidentado de estabelecimento do texto literário. Concordamos com a afirmação de Afrânio Coutinho de que exista, basicamente, três matrizes de variações: (A) a da primeira edição de 1888, publicada pela tipografia da *Gazeta de Notícias*, mais desatualizada e hoje de interesse puramente histórico ou genético; (B) a das provas deixadas pelo autor à Livraria Francisco Alves no ano de sua morte, em que o texto original aparece refundido em diversos aspectos;<sup>1</sup> e (C) a da segunda edição de 1905, publicada pela Livraria Francisco Alves e impressa pela Tipografia Aillaud, dita “definitiva”, mas com diversas alterações em relação à (B). Ainda com Afrânio Coutinho, julgamos que a mais escorreita seja a matriz (B), mais próxima à intenção final do escritor, muito modificada na matriz (C).<sup>2</sup> Assim,

---

1 Infelizmente, essa edição permanece incompleta. As páginas de número 54 e 56 dessa edição estão, ainda hoje, extraviadas.

2 Afrânio Coutinho atribui a isto o trabalho desastrado de revisão do texto pelos correspondentes da livraria em Portugal.

tomamos como base para nossos estudos a edição das *Obras* de Pompeia, em que todas essas questões aparecem devidamente discutidas e apontadas. Não obstante, há outros estabelecimentos do texto a partir de (B), como os de Francisco Maciel da Silveira (Cultrix, 1976) e de Therezinha Bartolo (Francisco Alves, 1976), que preferimos, todavia, dispensar, pela aproximação maior com (C). Para fins de exposição, classificaremos as diferentes edições do romance segundo a rubrica de Coutinho (A, B, C), sempre com vistas ao texto-base utilizado.

#### A.

POMPÉIA, R. *O Atheneu*: edição fac-similar. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995.

#### B.

POMPÉIA, R. *O Ateneu*. Cotia: Ateliê, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Ateneu*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

\_\_\_\_\_. *O Ateneu*. São Paulo: Cultrix, 1976.

\_\_\_\_\_. *O Ateneu*. São Paulo: Penguin Classics – Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. *O Ateneu. As joias da coroa*. São Paulo: Scipione, 1995.

\_\_\_\_\_. *Obras de Raul Pompeia: O Ateneu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC; Fename, 1981, v.2.

#### C.

POMPÉIA, R. *O Ateneu*. Brasília: Senado Federal, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Ateneu*, 5.ed. Jaraguá do Sul: Avenida, 2009.

\_\_\_\_\_. *O Ateneu*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

\_\_\_\_\_. *O Ateneu*. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, s.d.

\_\_\_\_\_. *O Ateneu*. Rio de Janeiro: Três, 1973.

\_\_\_\_\_. *O Ateneu*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

\_\_\_\_\_. *O Ateneu*. São Paulo: Ática, 1970.

\_\_\_\_\_. *O Ateneu*. 18.ed. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Ateneu*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

\_\_\_\_\_. *O Ateneu*. 2.ed. São Paulo: FTD, 1992.

\_\_\_\_\_. *O Ateneu*. São Paulo: O Estado de S. Paulo; Klick, 1997.

\_\_\_\_\_. *O Ateneu*. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Atheneu (Chronica de saudades)*, 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1905.

## • Edição completa das obras do autor

COUTINHO, A. (Org.). *Obras de Raul Pompéia: Novelas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC; Fename, 1981, v.1.

*Primeiro volume da atualmente mais autorizada edição das obras de Pompeia, que consta, além das novelas Uma tragédia no Amazonas e As joias da Coroa, de uma introdução geral do organizador com a talvez mais completa bibliografia (ainda que desatualizada, vista a data da edição) da fortuna crítica do autor, absolutamente indispensável a qualquer pesquisador. No momento, Eduardo de Faria Coutinho está compilando os textos, reunidos no CEAC da UFRJ (antigo OLAC), para uma futura publicação.*

\_\_\_\_\_. *Obras de Raul Pompéia: O Ateneu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC; Fename, 1981, v.2.

*Como expusemos mais acima, ainda que não seja propriamente uma edição crítica do romance, trata-se hoje da edição mais autorizada d'O Ateneu, constando de um trabalho atento do organizador de comparação entre a primeira edição da Gazeta de Notícias, o códice de provas entregue por Pompeia à Livraria Francisco Alves e a segunda edição do romance, de 1905 (Francisco Alves – Aillaud). O códice, texto-base da edição, pode ser consultado no CEAC – UFRJ.*

\_\_\_\_\_. *Obras de Raul Pompéia: contos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC; Fename, 1981, v.3.

*Compilação dos contos do autor, com estudos do organizador e de Eugênio Gomes. Há inclusive os contos da série “Microscópica” (Microscópicos), bem como da seção “Pandora”, “Arabescos” etc.*

\_\_\_\_\_. *Obras de Raul Pompéia: Canções sem metro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC; Fename, 1982, v.4.

*Acreditamos que também se trate da edição mais autorizada dos poemas em prosa do autor, contando com, além da compilação original de 1900 (publicada pela Tipografia Aldina e, mais tarde, pela Casa Mandarino), diversas outras versões dos mesmos poemas, publicadas em jornais e revistas da época. Há quatro textos introdutórios – do organizador, de Rodrigo Octávio, Coelho Netto e Venceslau de Queirós, além de um noticiário final com o impacto da publicação dos poemas na imprensa. Infelizmente, um estudo mais detido das diferenças estilísticas e semânticas daquelas diferentes versões dos poemas, em sua totalidade – que provaria ser riquíssimo – ainda está por ser feito.*

COUTINHO, A. (Org.). *Obras de Raul Pompéia: escritos políticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC; Fename, 1982, v.5.

*Compilação cronológica dos escritos políticos do escritor em que é possível observar três fases de seu pensamento republicano: uma primeira radical (1880 a 1884), de tom panfletário e acadêmico; uma segunda moderada (1885 a 1887), de tom jurídico e destinada às elites, aparentemente fiada no movimento natural de transformação social; e uma terceira visionária, de denúncia das estruturas do favor na política brasileira, e de maior rebuscamento estilístico. A síntese do pensamento político do escritor, todavia, pode ser detectada nos textos A propósito de construções navais e Carta ao autor das Festas Nacionais.*

\_\_\_\_\_. *Obras de Raul Pompéia: crônicas I*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC; Fename, 1982, v.6.

*Primeiro volume das crônicas de Pompeia, constando de uma introdução do organizador sobre o histórico do gênero no país. Crônicas de 22 jul. 1888 a 17 nov. 1889 do Diário de Minas, intituladas “A vida na Corte”. Basicamente, é possível observar certo padrão nas crônicas em questão, onde, após um breve comentário sobre acontecimentos cotidianos, segue-se uma discussão da vida política e artística da Corte, passando por críticas à Monarquia e à escravidão, concertos, homenagens a artistas etc. Ocasionalmente, há uma resenha final de obras literárias então recentes.*

\_\_\_\_\_. *Obras de Raul Pompéia: crônicas II*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC; Fename, 1983, v.7.

*Segundo volume das crônicas do autor constando das seções: “Crônica fluminense”, “Uma seção”, “De tudo”, “Pandora”, “Aos Domingos” e “Notas fluminenses”. O período coberto é bastante extenso, e vai de 1880 a 1894, por jornais como o Jornal do Comércio, O Estado de S. Paulo etc. Destaque para a seção “Pandora”, de inegável importância para qualquer estudo do pensamento estético de Pompeia.*

\_\_\_\_\_. *Obras de Raul Pompéia: crônicas III*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC; Fename, 1983, v.8.

*Terceiro volume de crônicas, com as seções “Da Capital” (continuação de “A vida na Corte” após a Proclamação da República) e “Cavaqueando”, além de crônicas diversas, datando desde o período de estudos do autor no Colégio D. Pedro II até contribuições para a Revista Brasileira do ano de seu suicídio.*

COUTINHO, A. (Org.). *Obras de Raul Pompéia: crônicas IV*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC; Fename, 1983, v.9.

*Último volume de suas crônicas, abrangendo os textos publicados de 1890 a 1892 no Jornal do Comércio (seção “Lembranças da semana”). Nota-se uma preocupação cada vez maior com a política, que logo viria a desencadear os acontecimentos funestos posteriores (duelo com Bilac, exoneração da BN e suicídio).*

\_\_\_\_\_. *Obras de Raul Pompéia: miscelânea, fotobiografia*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal de Angra dos Reis, 1991, v.10.

*Último volume das obras de Pompeia, publicado pela Prefeitura Municipal de Angra dos Reis (e talvez por isso de circulação menor que os demais volumes, sendo hoje obra rara, ainda que recente). Trata-se possivelmente do número mais importante para o estudo da estética do escritor, pois consta de sua crítica literária e artística, suas correspondências, seu caderno de notas e pensamentos íntimos, além de textos esparsos, mas não menos importantes, como Cartas para o futuro e A mão de Luís Gama. Há ainda uma valiosa fotobiografia do autor, seus desenhos e caricaturas de jornal, ilustrações a livros e teses de amigos etc.*

## Fortuna crítica

### • Biografias, memórias e artigos sobre Raul Pompeia

ABREU, J. C. Tipos e tipões: Raul Pompéia. *Autores e livros*, Rio de Janeiro, n.19, p.415, 1941.

*Breve síntese da personalidade de Pompeia como a de um “talento ultratrágico”.*

\_\_\_\_\_. Raul Pompéia. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio e estudos (crítica e história): 1ª série*. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu; Brigueit, 1931, p.237-41.

*Texto influente na fortuna crítica d'O Ateneu onde se veiculam em poucas linhas afirmações como a do “talento ultratrágico” do escritor, seu “gosto marcial” pela vida, e o desenvolvimento “estético e parnasiano” de sua obra. A par do depoimento de Rodrigo Octávio, é talvez o maior testemunho pessoal de convívio com Pompeia.*

ALVES, H. L. O conspirador da abolição. In: SCHMIDT, A. *O canudo (Raul Pompéia em São Paulo)*. São Paulo: Clube do Livro, 1963, p.77-82. *Elogio da luta abolicionista de Pompeia, causada – na linha interpretativa de Mário de Andrade, também elogiado e repetido – pela forte impressão de revolta e de angústia deixada em si já nos primeiros anos de vida, na fazenda dos avós escravocratas.*

ARARIPE JR., T. A. A ascendência republicana: a questão do Nativismo. In: \_\_\_\_\_. *Obra crítica*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1963, v.3, p.106-10.

*Discussão sobre os primeiros dilemas econômicos da República, com citação dos argumentos de Pompeia em Carta ao autor das Festas Nacionais, além de elogio à sua postura política verdadeiramente nativista.*

ARAÚJO, C. S. A cintilante amargura de Raul Pompéia. *Academia Carioca de Letras: Cadernos*, Rio de Janeiro, n.23, p.91-104, 1960. *Palestra em que se defende o valor biográfico da obra de Pompeia e se recomenda “um estudo psiquiátrico do escritor”, para melhor compreensão de ambos. O próprio suicídio do romancista é visto como uma “big promoção do interesse pela leitura do Ateneu”.*

BLAKE, A. V. A. S. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970, v.7, p.99-100; 422.

*Breve resumo da vida e obra de Pompeia, com destaque para sua atividade abolicionista ao lado de Luís Gama. Há uma curiosa entrada a respeito das Canções sem metro, em que é vista sumariamente como “uma imitação dos poemas em prosa de Baudelaire.”*

BRAGA, R. Raul Pompéia, o caifás. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, p.210-4, maio 1936.

*Escrito a propósito da biografia então recentemente lançada de Eloy Pontes, trata-se de um encômio à personalidade de Pompeia.*

BROCA, B. *Raul Pompéia*. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

*Embora conste da biografia do escritor, o capítulo sobre O Ateneu destaca sua independência em relação à personalidade de Pompeia. Mais à frente, entretanto, em meio a um levantamento de elementos da obra, destaca-se que “Sérgio identifica-se evidentemente com Raul Pompeia”.*

CAPAZ, C. *Raul Pompéia: biografia*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

*Trata-se da mais completa biografia de Pompeia, onde estão compilados desde trechos raros de sua obra (como a página original de abertura d'O*



Ateneu) *até pensamentos e cartas pessoais elucidativas de diversos períodos obscuros de sua vida (como o desentendimento com Olavo Bilac). Ao contrário da biografia de Eloy Pontes, que é igualmente – ou até mais, por certo – rica em documentos, há a devida referência às fontes consultadas, diferencial que depõe em seu favor.*

CARVALHO, R. O mais poeta dos naturalistas brasileiros. *Autores e livros*, Rio de Janeiro, n.19, p.410, 1941.

*Compreensão da excelência lírica do suposto naturalismo de Pompeia a partir da “fatalidade de causas remotas” e da sensibilidade aguda do romancista.*

\_\_\_\_\_. O Naturalismo – A prosa: o romance e o conto. In:\_\_\_\_\_. *Pequena história da literatura brasileira*. 9.ed. Rio de Janeiro: Briguiet, 1953, p.310-9.

*Elogio do escritor e também, em passant, d’O Ateneu, como exemplos de um pensamento “original e inquieto”, de um caráter verdadeiramente poético, único etc.*

CORRÊA, R. A. *Raul Pompéia*. São Paulo: Ícone, 2010.

*Biografia coesa do escritor, em que se salienta, como na dissertação anterior, sua militância e representatividade política.*

COSTA, S. C. Resposta do Sr. Sérgio Corrêa da Costa. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discursos acadêmicos (1996-2011)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, t.7, p.469-83.

*Resposta ao discurso de posse de Evanildo Bechara, em que, a par dos encômios de praxe aos acadêmicos da cadeira 33, consta uma comparação entre Pompeia e Domício da Gama, tidos como antípodas um do outro. Sobre a personalidade de Pompeia, repete-se o que afirmou Lúcio de Mendonça em sua resposta a Domício.*

COUTINHO, A. Introdução. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Obras de Raul Pompéia: crônicas I*. Organização e notas de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC; Fename; Olac, 1982, v.6, p.13-36.

*Série de informações biográficas e contextuais a respeito do autor, seguida dos critérios editoriais empregados na edição das Obras de Pompeia e de uma vasta bibliografia passiva, que nos serviu de guia para a consulta do acervo crítico no CEAC (antigo Olac).*

FILGUEIRA, F. *Raul Pompéia. Autores e livros*, Rio de Janeiro, n.19, p.416, 1941.

*Breve nota, em que se considera o escritor possivelmente como um gênio.*

FLEUISS, M. Raul Pompéia. *Letras brasileiras*, Rio de Janeiro, n.19, p.8-9, 1944.

*Reafirmação do relato de Fernandes Filgueira, com novos elogios à figura do romancista.*

FILHO, A. Apresentação. In: BIBLIOTECA NACIONAL. *Exposição comemorativa do centenário do nascimento de Raul Pompeia*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1963. p.7.

*Apresentação geral e sumária da exposição sobre o escritor, em tom elogioso à sua figura e centralidade na literatura brasileira.*

GAMA, D. Discurso de posse do Sr. Domício da Gama. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discursos acadêmicos (1897-1919)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, t.1, v.1-4, p.49-57.

*Discurso inaugural de posse da cadeira 33 (cujo patrono é Pompeia), e em que se faz um vasto elogio da obra e da pessoa de Pompeia a partir de depoimentos pessoais, com ênfase nas Canções sem metro, que seria sua maior obra, e na “teoria das vibrações” aí representada. Quanto a O Ateneu, refuta a ideia corrente de “um monumento de ódio que se vingava”, e aponta sua riqueza estilística e comprometimento social (através da caricatura) como marcas da grandeza estética e universalismo do autor. Resta, todavia, apurar qual a natureza dessa “ideia corrente” de vingança no romance já em 1897, quando da fundação da ABL. Paralelamente, uma aproximação mais aprofundada do diálogo entre a obra de Domício da Gama e a de Raul Pompeia, é lícito destacarmos, que provaria ser riquíssima, ainda está por ser feita.*

GOMES, E. O lado marcial de Pompéia. In: \_\_\_\_\_. *Visões e revisões*, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958, p.224-30.

*Sobre o gosto marcial de Pompeia pelo combate e pelo garbo militar, a sugerir “um narrador épico em férias” na grande parte de suas obras. Destaque para trechos exemplares de Clarinha das pedreiras e O Ateneu.*

\_\_\_\_\_. Pompéia e a eloquência. In: \_\_\_\_\_. *Visões e revisões*, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958, p.239-47.

*Do apreço impressionista pela eloquência cultivado por Pompeia, contando com depoimentos de Nestor Victor e Francisca de Basto Cordeiro. O crítico relembra trechos da seção “Pandora”, em que a eloquência figura para o escritor como sinônimo de arte.*

GOMES, E. Pompéia e a métrica. In: \_\_\_\_\_. *Visões e revisões*, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958, p.231-8.

*Sobre a aversão de Pompeia pela métrica na produção de textos excessivamente corrigidos e refeitos (Canções sem metro). Há exemplos d'O Ateneu como prova da maestria de sua prosa mais vertiginosa e espontânea.*

\_\_\_\_\_. Um inédito de Raul Pompéia. In: \_\_\_\_\_. *Prata da casa: ensaios de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: A Noite, 1953, p.113-6.

*Discutido no corpo do texto.*

JAF, I. *Onde fica o Ateneu?* São Paulo: Ática, 2005.

*Narrativa de caráter didático em que se apresenta um detetive particular em busca da localização exata do Ateneu de Aristarco, retomando alguns episódios da vida de Pompeia como reforço à intenção geral do livro: claramente, a de incentivar a leitura d'O Ateneu.*

LIMA, H. Escritores caricaturistas. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, n.7, p.207-24, 1957.

*Discussão breve a respeito da verve caricatural de Pompeia, contraposta à de Machado e Alencar, constando de algumas de suas caricaturas mais famosas, como a da Via crucis do Diário de Campinas.*

MAGALHÃES, A. Elogio de Raul Pompéia. *Revista da Academia Fluminense de Letras*, Niterói, n.3, p.25-9, 1950.

*Discurso de posse de Adelino de Magalhães em que se defende o estudo da obra de Pompeia através de seu temperamento, definido como "moderado" e tipicamente fluminense. Nessa chave de leitura, O Ateneu é, para si, e sem mais, "a epopeia do internato brasileiro". É lícito destacar que, na ocasião, a cadeira à qual fora eleito Magalhães tinha por patrono o próprio Pompeia, e que sua ficção é tida por diversos críticos como exemplo de prosa impressionista brasileira, o que fornece subsídios (em parte) à classificação "impressionista" d'O Ateneu.*

MAGALHÃES, F. Recepção do Sr. Fernando Magalhães. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discursos acadêmicos (1920-1935)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006, t.2, p.451-62.

*Discurso de posse da cadeira 33 (1926), em que se faz, como de praxe, um encômio às figuras de Pompeia de Domício da Gama. A resposta de Medeiros e Albuquerque, todavia, versa apenas sobre Domício e Magalhães, no mesmo tom laudatório e de depoimento pessoal.*

MAGALHÃES, V. Raul Pompéia. *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, n.14, p.99-101, 1920.

*Apreciação positiva das obras iniciais do escritor, Uma tragédia no Amazonas e Microscópicos, seguida de ironias ao julgamento crítico de Silvío Romero.*

MAGALHÃES JR., R. Demissão e prisão de Bilac. In:\_\_\_\_\_. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Americana, 1974, p.146-55.

*Embora se trate de uma biografia de Bilac, e não de Pompeia, há informações curiosas acerca do duelo malsucedido de ambos no Capítulo 16, em que se fornece uma versão bastante diversa dos fatos daquelas de Eloy Pontes e Camil Capaz. Em suma, a agressão de Bilac figura como um descuido involuntário, e a de Pompeia, como de natureza mais acerba e vingativa (valendo, obviamente, o contrário na versão dos biógrafos mencionados, com algumas diferenças menores; uma versão semelhante dos fatos pode ser encontrada em Sousa Rocha).*

MENDONÇA, L. Resposta do Sr. Lúcio de Mendonça. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discursos acadêmicos (1897-1919)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005, t.1, v.1-4, p.59-62.

*Resposta laudatória ao discurso de posse de Domício da Gama, em que se elogia a figura de Pompeia, “um como irmão mais moço dos irmãos Goncourt”, a partir de saudosos depoimentos pessoais.*

MONIZ, H. Raul Pompéia. In:\_\_\_\_\_. *Vultos da literatura brasileira: 1ª série*. Rio de Janeiro: Marisa, 1933, p.121-31.

*Breve levantamento de momentos da vida do escritor – sua atividade na imprensa, na campanha abolicionista etc. – em que se lamenta a ausência de um estudo definitivo de sua obra.*

MOREIRA, V. M. Pompéia nas orlas da eternidade. In:\_\_\_\_\_. (Org.). *Crônicas do Rio: Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1996, p.9-13.

*Breve apresentação das crônicas de Pompeia em que se faz uma exposição da vida conturbada e da forte personalidade artística do escritor, passando, de modo um tanto ufanista, pelos ambientes do Rio de Janeiro.*

NETO, A.-A. A dignidade política em Raul Pompéia. *Autores e livros*, Rio de Janeiro, n.19, p.410, 1941.

*Elogio do caráter democrático de Pompeia, a par da reprodução de observações de Eloy Pontes.*

NETTO, C. *Páginas escolhidas*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1954, p.58.

*Síntese de lembranças pessoais, versando sobre os anos comuns de estudo na Faculdade de Direito de São Paulo.*

NEVES SOBRINHO, F. Uma recordação de Raul Pompéia. *Autores e livros*, Rio de Janeiro, n.19, p.416, 1941.

*Lembrança pessoal de convívio com o escritor, por ele visto na ocasião como um “animador desanimado”.*

NOTÍCIAS sobre Raul Pompéia. *Autores e livros*, Rio de Janeiro, n.19, p.401, 1941.

*Levantamento biográfico de praxe e comparação do pessimismo do escritor à figura de Franco, mártir d’O Ateneu.*

OCTÁVIO, R. *Minhas memórias dos outros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978, 2v.

*Depoimento pessoal sobre seu convívio com Pompeia de grande importância para a recepção crítica de sua obra. Além de confirmar a existência de um romance inacabado, e logo extraviado, de título Agonia (que seria uma recriação d’O Ateneu sob uma perspectiva narrativa feminina), o autor menciona uma suposta deformação sexual do escritor, que mais tarde viria a corroborar, via Mário de Andrade, a equiparação d’O Ateneu a uma vingança pessoal.*

PEREZ, R. O mundo de Raul Pompéia. *Leitura*, Rio de Janeiro, n.70-71, p.12-6, 1963.

*Reportagem sobre a vida de Pompeia, constando de depoimentos valiosos de familiares (que infelizmente não constam das biografias do escritor).*

PONTES, E. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

*Biografia clássica do escritor, riquíssima em documentos e depoimentos da época, mas infelizmente sem a devida referência bibliográfica aos textos consultados (que, na época, estavam sob a guarda de Eloy Pontes; mais tarde, seriam passados a Afrânio Coutinho). É talvez o texto de maior repercussão e influência de toda recepção crítica d’O Ateneu: além de constar da bibliografia de inúmeros estudos, e constituir o mote das leituras de Mário de Andrade, Olívio Montenegro, Rubem Braga etc., contribui também com as primeiras observações de cunho psicanalítico sobre o romance. Para o autor, trata-se de uma “quase autobiografia” de Pompeia, que traz o “fenômeno de transferência” de seu complexo de Édipo nas figuras de Ema e Ângela.*

RIBEIRO, J. Dois artigos... sobre Raul Pompéia. *Autores e livros*, Rio de Janeiro, n.19, p.402, 1941.

*Do efeito do suicídio do escritor sobre si, quando de uma estadia em Berlim.*

RICARDO, C. *A poesia na técnica do romance*. Rio de Janeiro: MEC, 1953.

*Informação em passant acerca do escritor, em que o considera como “nosso primeiro exemplo de lirismo conscientemente adotado na técnica de expressão romanesca”. Mais especificamente, seu lirismo encontra-se atrelado, para o autor, a um “realismo lírico”, de que também dá testemunho a obra de Aluísio de Azevedo.*

ROCHA, S. O fim trágico de Raul Pompéia. *Aconteceu*, Rio de Janeiro, ano X, n.115, p.8-11; 20, jun. 1963.

*Escrito a propósito do centenário de nascimento do escritor, trata-se de uma exposição dos momentos finais e dramáticos de sua vida, com depoimentos de contemporâneos etc. Há referências a diversos nomes de sua fortuna crítica.*

SCHMIDT, A. *O Canudo (Raul Pompéia em São Paulo)*. São Paulo: Círculo do Livro, 1963.

*Visão romanceada dos estudos de Pompeia na Faculdade de Direito de São Paulo, com ênfase em sua militância abolicionista, via Luís Gama. A par da contribuição de Sílvio Fiorani em Invenção de Ariel – romance que se vale de elementos da biografia do escritor para sua própria trama – trata-se possivelmente da única biografia romanceada de Pompeia (feitas as ressalvas à parcialidade mais ou menos literária de seus biógrafos: Pontes, Capaz, Broca etc.).*

TEIXEIRA, I. Raul Pompéia: entre a arte e a política. In: POMPÉIA, R. *O Ateneu*, 18.ed. São Paulo: Ática, 1998, p.1-20.

*Discussão da obra como “um belo espécime para o entendimento do caráter do seu criador”, sendo não obstante uma miniatura da sociedade da época. Destaque para a presença formalmente renovadora em nossa prosa da écriture artiste.*

VERÍSSIMO, É. *Breve história da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Globo, 1996.

*Apresentação do escritor como diverso de seus contemporâneos em estilo e personalidade, dono de um caráter inquieto e atormentado, mas que proporcionou a escrita de “um dos dez melhores livros brasileiros de todos os tempos”.*

## • Estudos de caráter biográfico d'O Ateneu

ALMEIDA, H. Raul Pompéia diante da crítica psicanalítica. *Revista das Academias de Letras*, Rio de Janeiro, n.76, p.15-22, 1970.

*Dando continuidade à leitura psicanalítica de Artur de Almeida Torres, o autor afirma ser O Ateneu a projeção integral da personalidade de Pompeia, e Sérgio, a encarnação de seus dramas domésticos com seu pai. Assim, os embates com Aristarco simbolizam um Complexo de Édipo latente, e o incêndio do colégio, a impossibilidade de concretização sexual com a mãe (Ema), o que “só se justifica num cérebro amargurado por paixões mórbidas”.*

AMADO, J. Raul Pompéia vivíssimo. *Boletim de Ariel*, ano 5, n.5, fev. 1936.

*Defesa da personalidade combativa e socialmente engajada de Pompeia, seguida do comentário infeliz de que não se deve mais falar n’O Ateneu, sendo obra já do conhecimento de todos.*

AMORA, A. S. Era nacional: época do Realismo (1868-1893): romance e conto. In:\_\_\_\_\_. *História da literatura brasileira*. 4.ed. São Paulo: Saraiva, 1963, p.100-17.

*No que diz respeito especificamente a Pompeia, trata-se de um breve esboço da vida e obra do romancista, em que se aponta o fundo biográfico dos anos passados dolorosamente no Colégio Abílio como ponto de partida da criação ficcional.*

ANDRADE, M. *Aspectos da literatura brasileira*. 6.ed. São Paulo: Martins, 1978.

*Discutido no corpo do texto.*

ARARIPE JR., T. A. O Ateneu e o romance psicológico. In: BOSI, A. (org.). *Araripe Júnior: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978, p.145-95.

*Discutido no corpo do texto.*

BRASIL, A. Atualidade de O Ateneu. In:\_\_\_\_\_. *A técnica da ficção moderna*. Rio de Janeiro: Nórdica; Brasília: INL, 1982, p.128-30.

*Em seguida a uma breve revisão do critério editorial de algumas edições do romance, em que se elogia a apuração do texto feita por Therezinha Bartholo, e às indicações sumárias sobre o suposto impressionismo da obra, o autor resume sua leitura biográfica ao afirmar: “Retratando o pequeno Sérgio, estava Raul Pompeia retratando a si mesmo”. Encerra-se a discussão com elogios à obra e ao escritor.*

CASTRIOTO, H. Raul Pompéia, predecessor de Freud. *Revista da Academia Fluminense de Letras*, Niterói, n.1, p.139-43, 1949.

*Observando por detrás do protagonista Sérgio Alves [sic] o próprio Pompeia, bem como seus dramas em relação à sociedade brasileira da época, o crítico assinala no romancista um predecessor de Freud, e destaca para tanto trechos dos discursos do Dr. Cláudio.*

COUTINHO, A. Introdução: Raul Pompéia, Político. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Obras de Raul Pompéia: escritos políticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC; Fename, 1982, v.5, p.11-20.

*Exposição do pensamento político do escritor em paralelo à sua biografia, como forma de elucidar sua paixão teórica – e não partidária (apesar do que faria supor seu jacobinismo) – pela política.*

EDMUNDO, L. Recepção do Sr. Luís Edmundo. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discursos acadêmicos (1936-1950)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, t.3, p.761-75.

*Discurso de posse da cadeira 33 (1944), em que se faz, como de praxe, o elogio dos acadêmicos anteriores. No que diz respeito a Pompeia, fala brevemente de sua personalidade combativa e aponta n' O Ateneu “o drama da adolescência do escritor”, “mais livro de memórias que romance”, do tempo do Colégio Abílio. O autor destaca algo de injusto na figura de Aristarco-Abílio, referindo para tanto a própria convivência amena com o famoso pedagogo. A resposta ao discurso, de autoria de Viriato Correia, versa especificamente sobre a obra de Luís Edmundo.*

FARIA, M. T. Raul Pompéia: o ecletismo na literatura brasileira. In: POMPÉIA, R. *O Ateneu*. Porto Alegre: L&PM, 1999, p.3-8.

*Leitura panorâmica do romance em que, apesar de serem elencados diversos elementos fundamentais da obra – caráter memorialístico, centralidade do narrador etc. –, há uma posição claramente biografista de interpretação, em que “Sérgio é Pompeia” e “o Ateneu é o Colégio Abílio”. Evoca-se o conceito de microcosmo apenas enquanto expressão dos ideais republicanos de Pompeia, e por duas vezes menciona-se sua “vingança” pessoal como ponto de partida para a criação ficcional.*

GOMES, E. A sátira da oratória n' O Ateneu. In: \_\_\_\_\_. *Visões e revisões*, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958, p.248-56.

*Apontamento de alguns mecanismos empregados no romance para crítica da oratória (e não da eloquência) oitocentista, com destaque para as figuras de Cláudio e Sérgio, representativas de duas faces de Pompeia – a de orador e a de artista plástico. Dentre os mecanismos citados, estão: a festa de encerramento do ano letivo; Venâncio-Aristarco-Nearco; os alexandrinos e hemistíquios nasais do Dr. Ícaro do Nascimento etc.*



GUERRA, J. A. *Enigmas de Raul Pompéia*. Brasília: Academia Brasileira de Letras, 1976.

*Apesar de fazer diversas críticas, no início de seu ensaio, à crítica de viés biográfico d'O Ateneu, o autor, a partir do depoimento de Graciliano Ramos à figura de Abílio César Borges, recai na discussão do temperamento de Pompeia, figura "extremada em tudo".*

LINHARES, T. *Raul Pompéia*. Rio de Janeiro, Livraria Agir, 1957.

*Estudo da obra, na esteira de Mário de Andrade, como reflexo dos sentimentos pessoais de vingança do escritor, cujo valor literário deriva da feliz coincidência de tal problema pessoal ao tema do internato, "viveiro de ressentidos". Classifica-se o romance, conseguinte à representação unilateral das personagens, como das mais legítimas naturalistas.*

LUCAS, F. As várias faces de Raul Pompéia e *O Ateneu*. *Remate de Males*, Campinas, n.15, p.13-30, 1995.

*Estudo curioso justamente pela inversão que faz da leitura revisionista do texto: levantando diversos elementos presentes na obra – a riqueza estilística, a confluência entre diferentes esferas da enunciação, o caráter memorialístico do texto, as ideias estéticas do Dr. Cláudio etc. –, há uma indecisão sobre qual via a ser tomada para sua análise, e um retorno à personalidade de Pompeia, eixo imediatamente comum a todas essas questões ("O Ateneu engloba divagações éticas, estéticas, políticas e filosóficas. [...] O Ateneu, por isso, não se liberta dos avatares biográficos de Raul Pompeia").*

MONTENEGRO, O. *O romance brasileiro*, 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

*Discutido no corpo do texto.*

MORAES, C. D. Raul Pompéia e o amor próprio. In:\_\_\_\_\_. *Realidade e ficção*, Rio de Janeiro: MEC, 1952, p.23-43.

*Para o autor, a personalidade artística de Pompeia decorre de um trans-torno psicológico esquizoide, e O Ateneu, de um "coração que não perdoa".*

OITICICA, R. *Os últimos passos de Raul Pompéia. E tudo acabou com um fim brusco de mau romance: Raul Pompéia, O Ateneu*. Disponível em: [http://leiabrasil.org.br/old/violência/pompeia\\_ricardo.htm](http://leiabrasil.org.br/old/violência/pompeia_ricardo.htm). Acesso em: 19 fev. 2012.

*Breve aproximação entre o drama do escritor e aquele do "Serginho do romance", que, numa "mórbida relação entre autor e criatura", acabaram por eliminar-se.*

PICANÇO, A. T. Raul Pompéia e a teoria sobre as ideias recalçadas. In: \_\_\_\_\_; PICANÇO, M. *O direito subjetivo e a intuição jurídica. Raul Pompéia e a teoria sobre as ideias recalçadas*. Rio de Janeiro: Dini-graf, s.d., p.11-9.

*A discussão do autor não se enquadra exatamente em uma leitura biográfica d'O Ateneu, posto que não exista uma equiparação entre o drama de Sérgio e o de Pompeia. Contudo, entende-se pelo internato o retrato do Colégio Abílio, bem como por Aristarco, o de Abílio, índices evidentes de um nivelamento maior entre vida e obra. A tese central, contudo, é a de que Pompeia antecipou a psicanálise, ou "a teoria das ideias recalçadas de Sigmund Freud", em diversos aspectos, como nas descrições de Ema e dos sonhos de Sérgio.*

PIRES, H. Duas portas que se abrem. In: SCHMIDT, A. *O Canudo (Raul Pompéia em São Paulo)*. São Paulo: Círculo do Livro, 1963, p.7-9.  
*Apresentação do volume em que se afirma brevemente ser O Ateneu um livro de reminiscências do escritor, espécie de "sátira ao Colégio Abílio".*

RAMOS, M. L. *Psicologia e estética de Raul Pompéia*. Belo Horizonte, 1957. [Tese apresentada a concurso para a cátedra de Literatura Brasileira, da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais.]  
*Primeira tese acadêmica da obra de Pompeia, em que se entende pelo romance, na terceira parte do livro, a "catarse" e a autobiografia do escritor. Para a autora, trata-se de uma "confissão patética do neurótico, da criança que se recusou a aceitar a realidade". Apesar de certa truculência no trato d'O Ateneu (assim como, nas outras partes, das Canções sem metro etc.), a autora afirma ser ele o primeiro romance poético de nossa literatura, e sugere elementos em si comuns com o realismo mágico.*

REGO, José Lins do. Raul Pompéia. In: \_\_\_\_\_. *Conferências no Prata*. Rio de Janeiro, CEB, 1946, p.47-80.  
*Estudo biografista do romance em que o drama de Pompeia se equivale àquele do menino de cachos do romance, e cujo valor literário deriva da inauguração pelo escritor de um território então inexplorado pela literatura brasileira – o menino e os dramas da infância.*

ROIG, A. *O Ateneu de Raul Pompéia ou o "huis clos" no romance*. In: \_\_\_\_\_. *Modernismo e realismo*: Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Raul Pompeia. Rio de Janeiro: Presença, 1981.  
*Interpretação do romance como "huis clos existencial permanente", i.e., como espaço opressivo e fechado em si mesmo, constituído pelos dramas pessoais de Pompeia-Sérgio.*

ROMERO, S. *História da literatura brasileira*. 4.ed. São Paulo: José Olympio, 1949, v.5, p.1767-9.

*Compreensão sucinta d'O Ateneu como exemplo acabado e consciente de romance naturalista, tendo como ponto de partida a cultura vasta de seu escritor, "o mais culto de seus pares do Brasil".*

SODRÉ, N. W. *História da literatura brasileira*. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, p.502.

*Em um breve parágrafo, o crítico afirma estar o romance isolado dos demais na literatura brasileira por conta de uma "grave crise de sensibilidade", que o afasta da prosa naturalista da época. Por conta dessa extensão reduzida, torna-se dificultoso incluí-lo em qualquer das três tendências.*

SOUZA, G. B. *Reflexos da educação brasileira no século XIX, em O Ateneu, de Raul Pompéia*. Guarabira: UEPB, 2011. [Trabalho de Conclusão de Curso.]

*Apesar do embasamento teórico em Goffman e Foucault e da declarada intenção de estudo social do romance, há uma íntima dependência das premissas biográficas de sua interpretação. Mais especificamente, para a autora "a narrativa apresenta a fronteira entre a ficção e a realidade, na confusão de vivências entre Sérgio (a personagem) e Raul Pompeia (o autor)". Chega-se mesmo a discutir a grade curricular do Colégio Abílio, pautando-se apenas na seguinte afirmação: "Provavelmente, no colégio O Ateneu o método avaliativo seria o mesmo".*

TORRES, A. A. *Raul Pompéia (estudo psicoestilístico)*. Rio de Janeiro: São José, 1972.

*Interpretação do romance como "um trabalho de desabafo ruidoso, uma incontida confissão pública", tornada artística somente pelo grande talento do escritor. Neste sentido, entende-se que a figura de Aristarco, as caricaturas dos colegas, o uso simbólico das cores, a narração em primeira pessoa, o emprego do tempo psicológico etc. escondem, respectivamente, seu amor e ódio pelo pai, sua vingança à crueldade da vida, seu desespero íntimo, sua liberdade confessional, sua necessidade de apagar as próprias dores etc. Sugere-se, inclusive, que Pompeia tenha sido "necromaníaco", fascinado pela contemplação e descrição de cadáveres.*

\_\_\_\_\_. Raul Pompéia em debate. *Revista das Academias de Letras*, Rio de Janeiro, n.77, p.87-91, 1970.

*Em resposta a Horácio de Almeida, o autor assinala seis pontos que merecem ser revisados ou defendidos em sua própria interpretação d'O*

*Ateneu: para ele, Pompeia foi alguém afetuoso, embora, de fato, sexualmente frustrado; seu romance – uma forma de vingança inconsciente para com seu pai; Ema, a materialização de seu Complexo de Édipo etc.*

VERÍSSIMO, J. *História da literatura brasileira*. 4.ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963, v.3. p.244.

*Trata-se de um breve comentário em que o romance é visto, à maneira de Sílvio Romero, como “a amostra mais distinta, senão a mais perfeita, do naturalismo no Brasil”, por conta do talento superior de Pompeia frente a seus pares.*

\_\_\_\_\_. Raul Pompéia e *O Ateneu*. In: \_\_\_\_\_. *Últimos estudos de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia; Edusp, 1979, p.133-9.

*Escrito a propósito da segunda edição da obra, mas publicado somente em 1979 (o que diminui consideravelmente seu impacto na fortuna crítica). O Ateneu é entendido nesse estudo como um texto duplamente defeituoso: no plano do conteúdo, pela insignificância do assunto (a vida de um colegial de quinze anos [sic]); e no plano da forma, pela falsa suposição de que seja o herói menino do romance que o narre, enquanto quem o faz é o próprio Pompeia, já adulto. Nessa chave de leitura, a principal qualidade do romance advém da personalidade geniosa e genial do escritor, que soube ultrapassar os limites da escola naturalista ao conferir uma série de diferenciais para seu romance: o traço caricatural dos desenhos e das descrições; a discussão teórica subjacente aos discursos do Dr. Cláudio etc.*

## • Estudos de caráter social d’*O Ateneu*

ABDALA Jr., B.; CAMPEDELLI, S.Y. Raul Pompéia. In: \_\_\_\_\_. *Tempos da literatura brasileira*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1999, p.149-53.

*Tendo em vista a natureza abrangente da obra em questão, o capítulo dedicado a Pompeia busca enfatizar as diferentes leituras do romance. Todavia, os autores não se eximem de uma tomada de posição e assinalam o caráter social não apenas do romance, em diversos aspectos interlocutor de sua época, mas da própria narração de Sérgio, “autêntico representante da burguesia: o que implica uma visão ‘por dentro’ e, ao mesmo tempo, uma denúncia visível, em todos os momentos, na ótica da personagem Sérgio”.*

ALVES, L. M. S. A. Os castigos corporais na escola nos discursos narrativos nas obras de Machado de Assis, Manoel Antonio de Almeida e Raul Pompéia. In: *III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista*, São Luís, p.1-13, jun. 2013. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/oitocentista/cd/ARQ/32.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2013.

*Levantamento dos castigos físicos representados no romance Pompeia e em outras obras da literatura brasileira com vistas a avaliar a cultura pedagógica oitocentista do país. No que diz respeito especificamente a O Ateneu, destaca-se a figura do mestre e seu “autoritarismo extremado [...] de uma autoridade quase sagrada”, com o exemplo de Aristarco.*

ÁRTICO, D. *L'enfant de Jules Vallès e O Ateneu, de Raul Pompéia: do foco narrativo à crítica social*. São Paulo: FFLCH, 1983. [Tese de Doutorado.]

*Excelente estudo comparado entre O Ateneu e L'enfant que, não entrando no mérito da discussão de Vallès, em muito esclarece a discussão do foco narrativo no romance de Pompeia, embora, tal como o trabalho de Olivier, permaneça infelizmente restrito à circulação acadêmica. Discute-se pausada e aprofundadamente a parcialidade do relato de Sérgio (na esteira dos argumentos de Pacheco e Santiago), e faz-se, de maneira pioneira, um estudo do papel do narratário no romance, a partir das ideias de Gerald Prince. Por fim, classifica-se o romance como “sátira paródica” do Brasil da época (L. Hutcheon).*

BALIEIRO, F. F. *A pedagogia do sexo em O Ateneu: o dispositivo de sexualidade no internato da “fina flor da mocidade brasileira”*. São Carlos: UFSCar, 2009. [Dissertação de Mestrado.]

*Estudo consciente e coeso da significação sexual do romance, transposta para o texto literário na época mediante uma estratégia “hegemônica” de vinculação da homossexualidade “a um meio degenerativo, do qual a personagem principal busca escapar”. Há indicações contextuais valiosas, como a informação de que a quebra de texto do último capítulo – que dá início ao incêndio do Ateneu – coincide com a promulgação da Lei Áurea (colhida diretamente dos microfimes da BN e praticamente ignorada pela fortuna crítica até então).*

BERCHO, C. F. Higienismo e educação em *O Ateneu*. In: \_\_\_\_\_. *Higienismo e educação nas páginas de O Ateneu*. São Carlos: UFSCar, 2011, p.73-118. [Dissertação de Mestrado.]

*A rigor, não se trata de uma leitura social do romance, mas sim de uma verificação pura e simples de dados contextuais do Brasil oitocentista (no caso, o discurso médico para as condições de higiene dos colégios da época, as condições precárias do ensino, mesmo após reformas educacionais como as de Leôncio de Carvalho etc.) através d'O Ateneu. Há confirmação dos relatos da época com trechos do romance, par a par, o que evidencia o trato puramente documental – e rasteiramente empobrecedor – da análise.*

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

*Discutido no corpo do texto.*

CAMPOS, K. G. *O Ateneu de Charles Dickens: sociedade e educação em duas obras literárias do século XIX*. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2001.

*Estudo comparativo da obra de Pompeia e Dickens (David Copperfield) em que cada escritor é visto como porta-voz de sua época e contexto particular, principalmente no que tange à pedagogia do Brasil e da Inglaterra oitocentistas. Apesar de certa ênfase demasiada em dados contextuais e biográficos, há diversas observações pertinentes, tais como a presença do método Lancaster em ambos os contextos, a nuance administrativa de um colégio a outro (ou “o poder da violência” de Mr. Creakle diante da “violência do poder” de Aristarco) etc.*

CARVALHO, C. H.; ARAÚJO, J. C. S. *Literatura e História: o ensino brasileiro do século XIX refletido pel'O Ateneu*. *Revista Alpha*, Patos de Minas, n.7, p.240-53, 2006.

*Confirmação pura e simples de dados contextuais na obra ficcional mediante o conceito de microcosmo, infelizmente não discutido, senão apenas afirmado – o que talvez se deva à extensão reduzida do artigo.*

CARVALHO, C. H.; CARVALHO, L. B. O. *O Ateneu na perspectiva histórico-educacional brasileira do século XIX*. *Linguagens, educação e sociedade*, Teresina, ano 13, n.18, p.54-67, 2008.

*Discussão do romance como documento das práticas pedagógicas da época. Destaca-se a figura de Cláudio, “uma espécie de boneco ventríloquo [usado por Pompeia] para manifestar suas opiniões políticas e literárias”, e a figura de Aristarco, para quem o incêndio do colégio pode ser visto “como um prenúncio ou desejo do autor da queda da Monarquia e do banimento do Imperador”. A conclusão é programática e repete o propósito documental da análise: “O Ateneu é uma escola-ficção, mas entre*

*ela e a realidade educacional brasileira, mesmo republicana, certamente não há diferenças significativas, pois a ficção imita a realidade.”*

CHAVES, F. L. O “traidor” Raul Pompéia. In:\_\_\_\_\_. *O brinquedo absurdo*. São Paulo: Polis, 1978, p.49-76.

*Discutido no corpo do texto.*

CORINGA, S. M. G.; MOREIRA, S. A. S.; GOMES, E. A. F. *O Ateneu*: um território marcado pelo bullying. *Quipus*, Mossoró, ano 2, n.1, p.47-53, dez. 2012-maio 2013.

*Trata-se de um trabalho com vistas à discussão, em sala de aula, do fenômeno bullying, com verificação direta e linear do mesmo no romance de Pompeia. Neste propósito, indicam-se alguns paralelos, tomados de conceitos teóricos sobre o tema (Fante, Silva): Sérgio como “vítima típica” de bullying, indefeso e passivo; Franco como “vítima provocadora”, a partir do episódio da bomba d’água do colégio etc.*

CORRÊA, R. A. *O Ateneu e a decadência da monarquia brasileira*. In:\_\_\_\_\_. *Literatura e identidade nacional: Raul Pompéia e os percalços do nacionalismo brasileiro*. São Carlos: UFSCar, 2001. [Dissertação de Mestrado.]

*Postulando desde o princípio uma análise do elemento social e político do romance, e apoiando-se em diversos nomes de sua fortuna crítica, o autor compreende no internato ficcional (Ateneu) e em sua contraparte factual (Colégio Abílio) duas faces de um mesmo problema: a crise da educação brasileira no século XIX. Para tanto, assinala com propriedade elementos de autenticação histórica do discurso literário, como referências a figuras da época, embates entre monarquistas e republicanos, punições físicas e morais de escravos e alunos, imperialismo europeu etc.*

GAGLIARDI, C. Singularidades em Raul Pompéia: o homem, a escola, o romance. In: POMPÉIA, R. *O Ateneu*. São Paulo: Hedra, 2008, p.9-38.

*Partindo do conceito de microcosmo, bem como da dualidade de perspectivas trazida pela memória do narrador X protagonista, o autor afirma ser O Ateneu o maior romance de formação brasileiro, capaz de sintetizar, no movimento narrativo, tanto a transição do menino à fase adulta quanto o drama coletivo da inserção social numa instituição alegórica do Brasil oitocentista.*

GALUCH, M. T. B.; SFORNI, M. S. F. *O Ateneu: escola da sociedade*. *Perspectiva*, Florianópolis, v.10, n.18, p.33-43, 1992.

*Balço ponderado da representação social do romance enquanto microcosmo de sua época, em que o texto serve de ponto de partida para uma discussão mais geral da educação brasileira nos séculos XIX e XX.*

JARESKI, L. L. *Distopia e subversão em O Ateneu, de Raul Pompéia*. Vitória: UFES, 2005. [Dissertação de Mestrado.]

*Interpretação do romance como denúncia de uma ordem utópica estabelecida (distopia), na linha de obras como As nuvens e As viagens de Gulliver, onde a narração de Sérgio equivale a uma subversão do código de conduta do Ateneu, dado à “formação da elite brasileira e [a]o culto à personalidade de Aristarco”. Deixa-se, no entanto, infelizmente explorada a sugestão valiosa de uma possível classificação do romance como “metaficção biográfica” – o que, na linha de Linda Hutcheon, poderia reordenar toda a recepção crítica da obra.*

JUBRAN, C. C. A. S. *A poética narrativa de O Ateneu*. São Paulo: FFLCH, 1980. [Tese de Doutorado.]

*Estudo em que se faz uma transição interessante, de ordem metodológica: de uma abordagem inicialmente estilística, de análise dos elementos fonossemânticos e sintáticos da obra, relativos à primeira parte da tese, passa-se a discutir, na segunda, o sentido ideológico d'O Ateneu, tido como “uma espécie de amostra da estrutura social onde se encaixa”. Entre ambos, aponta-se a mediação de uma “técnica especial de introjeção de fatores externos no texto” – os discursos do professor Cláudio –, que abrange desde a teorização estética (primeira parte) até a crítica ao Brasil da época (segunda parte).*

MARTINS, R. A. F. *O Ateneu: representações da memória e do homoerotismo*. Litteris, Rio de Janeiro, n.7, mar. 2011.

*Apesar do título, o artigo faz uma discussão ampla do romance, em que as questões da memória e do homoerotismo são tratadas no mesmo plano de outras, como a dificuldade de classificação do romance, as preocupações estéticas do escritor, a escrita das Canções sem metro, parencas memorialísticas com Proust etc. Todavia, nota-se certa preponderância da significação social do romance sobre as demais, bem como de seu caráter microcsmico, que antecede e orienta as demais questões (memória, homoerotismo) como críticas diversas a aspectos contraditórios da sociedade carioca da época. Destaque para a crítica severa que faz o autor à leitura biografista de Mário de Andrade, motivada, talvez, pela aproximação maior com a interpretação de Léo Ivo, citada repetidas vezes.*



MARTINS, W. *História da inteligência brasileira*. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1979, v.4, p.293-301.

*Sucinta análise do romance como projeto antiproustiano, voltado não para a recuperação do passado, mas sim para sua destruição: pois entendido o internato como processo indispensável de darwinismo social, resta a Sérgio-Pompeia desmascarar a crença “imbecil” de Aristarco em sua própria instituição, engrenagem de um mecanismo maior. Rejeita-se, todavia, a significação estritamente biográfica do texto.*

MISKOLCI, R.; BALIEIRO, F. F. O drama público de Raul Pompéia: sexualidade e política no Brasil finissecular. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.26, n.75, p.73-88, 2011.

*Análise da reflexão presente em O Ateneu sobre a heteronormatividade oitocentista, como “documento importante para a compreensão de como a abjeção foi construída pelo fantasma do efeminamento”. Há comparação entre os sentidos da sexualidade no romance e em As joias da Coroa (degenerescência da homossexualidade entre os internos X apetites sexuais incestuosos – e, portanto, degenerescentes – do Duque de Bragantina), assim como discussão sobre as origens sociais do drama sexual-social de Pompeia.*

OLIVEIRA, F. Raul Pompéia. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e civilização*. Rio de Janeiro: Difel; Brasília: INL, 1978, p.116-8.

*Escrita a propósito do lançamento da edição de Therezinha Bartolo, trata-se de uma discussão das confusões da crítica em classificar o romance, afirmando o vazio de seu rótulo “impressionista” – válido apenas para uma parte de seus recursos estilísticos – e o problema de fundo d’O Ateneu: o microcosmo social. Assim, dono de um mosaico de estilos, ele deve ser visto, não obstante, “na categoria da literatura de acusação”.*

PROENÇA, I. C. Introdução. In: POMPÉIA, R. *O Ateneu*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.

*Ressaltando de início a presença de elementos impressionistas e de emprego psicológico do tempo na obra, o crítico afirma, a partir de Sartre, que O Ateneu é um romance de “destruição de mitos”, que denuncia o patriarcalismo da sociedade brasileira através da figura corruptora de Aristarco (comparável à de José Dias de D. Casmurro). Não obstante, ressalva ainda o amargor de Pompeia como origem dos demais aspectos aí presentes, como a caracterização animalesca dos colegas, a sensualidade de Ema, o incêndio do colégio etc.*

REIS, Z. C. Opostos, mas justapostos. In: POMPÉIA, R. *O Ateneu*, 18.ed. São Paulo: Ática, 1998, p.3-8.

*Estudo coeso dos elementos do romance em que sugestões valiosas permanecem em aberto por conta de sua extensão reduzida. Situando por binômios, à maneira do pai de Sérgio, os principais elementos de conteúdo e de forma (mundo X luta, tempo da narração X tempo da ação), o autor discute especialmente o “caráter de amostragem” do internato frente ao macrocosmo da sociedade brasileira da época, e destaca o abolicionismo iminente à figura de Jorge, a função crítica e intelectual dos discursos do Dr. Cláudio, as conotações alegóricas dos nomes de Franco e Américo (Velho e Novo Mundo, tal qual mencionado por Leyla Perrone-Moisés) etc.*

RIBEIRO, L. G. Memórias de um cárcere escolar: Raul Pompéia e O Ateneu. In: POMPÉIA, R. *O Ateneu*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d. *Leitura social do romance em que se aponta, a par das múltiplas influências literárias do autor, a superficialidade e o “exagero” das leituras psicológicas do texto, defendendo, inversamente, uma análise restrita de seu universo microcômico: o furor capitalista de Aristarco, a ideologia republicana e abolicionista que embasa o romance, as torturas nazistas [sic] impostas aos meninos etc.*

SANTOS, M. T. C. T. “De como a educação escolar torna-se palco no romance brasileiro”: (uma tentativa de interpretação de O Ateneu de Raul Pompéia). São Paulo: Faculdade de Educação – USP, 1988. *Trata-se de um estudo acaloradamente restrito à dimensão social do romance, visto a partir do prisma da educação da época. A leitura da autora prende-se por demais à argumentação de Alfredo Bosi em seus estudos d’O Ateneu, mas demonstra trechos de grande interesse para a história intelectual oitocentista ao discutir pausadamente o currículo do Colégio Abílio diante dos então atuais projetos de lei, reformas educacionais etc.*

SANTOS, T.; MARCHI, R. A propagação da crença escolar ou o “contágio da convicção”: os ritos de instituição no romance *O Ateneu*. *Revista Portuguesa de Educação*, v.26, n.1, p.37-57, 2013.

*Análise, a partir de conceitos de Pierre Bourdieu, dos mecanismos institucionais do Ateneu e de sua capacidade disciplinadora: as festas de ginástica, a hierarquia opressiva, os exames periódicos, o Livro de Notas etc.*

\_\_\_\_\_. *O Ateneu: uma análise de mecanismos disciplinares no romance de Raul Pompeia. VI Colóquio “Ensino médio, história e cidadania”,*

Florianópolis, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217562362013000100018&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217562362013000100018&script=sci_arttext). Acesso em: 20 nov. 2013.

*Estudo do poder disciplinar do Ateneu a partir de Pierre Bourdieu e Michel Foucault, como imposição de uma visão de mundo de determinada classe (dominante), por meio de diversos mecanismos: o exercício físico constante, que molda o corpo e os hábitos; a polícia secreta do diretor; o pelourinho etc.*

\_\_\_\_\_. O disciplinamento do espírito: uma análise dos ritos de passagem no romance *O Ateneu*. *Educação*, Porto Alegre, v.36, n.1, p.96-106, jan.-abr. 2013.

*Valendo-se do conceito antropológico dos “ritos de passagem”, bem como da análise de Flaubert feita por Pierre Bourdieu, os autores discutem os mecanismos disciplinadores do internato: o corte dos cabelos de Sérgio (“circuncisão simbólica” do menino), os exames periódicos e o Livro de Notas (“rito[s] de instituição de diferenças, bem como de identidades”). Há também análise do Grêmio Literário como potencialização encantatória da disciplina opressiva do internato, com a alternativa (também coercitiva) do estudo enviesado das artes. Trata-se, em suma, de parte de um trabalho maior, realizado em pesquisa de Mestrado.*

\_\_\_\_\_. O “Grêmio Literário Amor ao Saber”: estratégias de conservação do capital social a partir do romance *O Ateneu*. VII Colóquio “Ensino médio, história e cidadania”, Florianópolis, maio-jun. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/EnsinoMedio/article/view/2622>. Acesso em: 25 nov. 2013.

*Levantamento das relações sociais estabelecidas dentro do Grêmio Literário do Ateneu conforme o conceito de “capital social” de Pierre Bourdieu, ou seja, como espaço de vinculação e uniformização social de determinados saberes ou comportamentos: o apreço geral pela Retórica e por autores como Cícero; a publicação das produções do grupo em periódicos; as solenidades e debates verbosos, acerca de assuntos dominados apenas pelos próprios membros etc.*

SILVA, V. M. *Exercício do poder: conflitos, discursos e representações culturais em O Ateneu*. Londrina: UEL, 2007. [Dissertação de Mestrado.] *Sob o instrumental dos Estudos Culturais, discute-se a “microfísica do poder” n’O Ateneu, instituição reprodutora dos interesses sociais e políticos da classe dominante, bem como a tensão que há entre o saber domi-*

nado dos alunos e o “saber institucionalizado” dos lentes. Ressalta-se ainda o culto estratégico dos costumes europeus, o emprego da ironia na desestabilização da retórica do internato, a polifonia de vozes de Sérgio protagonista e Sérgio narrador, a mercadorização do saber etc.

SOUSA, R. L. Raul Pompéia: o suicídio como leitura do Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Pensamento social brasileiro: de Raul Pompéia a Caio Prado Júnior*. Uberlândia: EDUFU, 2011, p.11-32.

*Visão panorâmica da militância política do escritor e do significado social do incêndio do Ateneu – paralelo ao suicídio do escritor – enquanto impossibilidade de sobrevida de um intelectual no ambiente limitado(r) do Brasil oitocentista.*

STEGAGNO-PICCHIO, L. Raul Pompéia: romance psicológico e prosa impressionista. In: \_\_\_\_\_. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p.423-6.

*Afirmando n’O Ateneu o primeiro romance brasileiro da memória, e também “o mais europeu” de todos, a autora interpreta-o como microcosmo “em todos os níveis” da sociedade brasileira da época. No que considera a transposição literária do Colégio Abílio, a autora destaca ainda os laivos parnasianos de écriture artiste e de estilo impressionista em Pompeia.*

VICTOR, N. O Ateneu, de Raul Pompéia. In: \_\_\_\_\_. *A crítica de ontem*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro e Maurillo, 1919, p.235-9.

*Discutido no corpo do texto.*

ZILBERMAN, R. Raul Pompéia, Abílio Cesar Borges e a escola brasileira no século XIX. *Criação e crítica*, São Paulo, n.9, p.38-51, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46860/50611>. Acesso em: 10 mar. 2013.

*Levantamento e discussão do papel ambíguo do diretor Abílio Cesar Borges na educação brasileira, com apoio, dentre outros textos, do romance de Pompeia. Há comparação quase direta entre Abílio e Aristarco, bem como análise das amizades e desavenças do escritor com seus pares e professores por intermédio de outras personagens da obra, como Cláudio, Venâncio etc.*

\_\_\_\_\_. Um assunto entre Pompéia e Abílio. *Remate de Males*, Campinas, n.15, p.61-9, 1995.

*Discussão biográfica e contextual da obra de Pompeia, abordando quase exclusivamente a relação entre os livros didáticos do Dr. Abílio e os métodos pedagógicos de Aristarco.*

## • Estudos de caráter revisionista d'O Ateneu

ALMEIDA, T. Retórica do alimento. In: PERRONE-MOISÉS, L. (Org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense; Edusp, 1988, p.107-22.

*Estudo das diversas configurações retóricas do alimento n'O Ateneu: a intimidade entre comida e memória (recordação inicial do "pão com manteiga"); as relações sexuais e animais dos internos com a comida (em especial no episódio do piquenique); o procedimento incorreto da diretoria para com a dieta dos internos (epísódio da goiabada de banana) etc.*

AMARAL, E. Apresentação: em meio a esse dilema entre a repulsa instintiva e o envolvimento. In: POMPÊIA, R. *O Ateneu*. Cotia: Ateliê, 1999.

*Antecipando em parte a discussão de João Alexandre Barbosa, a autora salienta um duplo comportamento da obra: por um lado, a transfiguração literária de um internato da época e, por outro, a profunda sensibilidade do escritor. Formalmente, essa duplicidade manifesta-se na mistura entre ação e digressão, apropriando o romance do realismo psicológico de Machado de Assis, e no uso concomitante do estilo impressionista dos Goncourt e do estilo naturalista da época. Todavia, tal dilaceramento existencial-formal impede que se classifique a obra dentro de uma convenção pré-estabelecida.*

AMARAL, G. C. *O Ateneu e os movimentos literários*. In: PERRONE-MOISÉS, L. (Org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense; Edusp, 1988, p.196-209.

*Após uma revisão inicial da classificação dificultosa da obra, assim como de sua recepção crítica, analisa-se a relação que há entre a palavra e o referente n'O Ateneu, i.e., o discurso imperativo e sensorial de Sérgio sobre a rememoração de seu passado. Destaca-se o predomínio da "impressão do momento" do narrador, alheio a qualquer preceituário romântico ou naturalista, como marca da originalidade e modernidade do romance.*

ARAÚJO, F. M. As ruínas barrocas d'O Ateneu, ou da estética do romance. *Anais do VI Colóquio de Estudos Barrocos – I Seminário Internacional de Arte e Literatura Barroca*, Natal, p.253-77, nov. 2010.

*Para o autor, o emprego concomitante de um narrador em primeira pessoa, da caricatura, da paródia e da plasticidade das imagens na crítica ferina à instituição de Aristarco, que desvenda por detrás de um diretor do*

*século XIX os arquétipos do poder e do mando, simboliza o “culto barroco de Pompeia pelas ruínas”, culto esse empregado até certo ponto por toda tradição do romance, desde o século XVIII, na desconstrução do molde clássico da epopeia (Mcluhan, Bakhtin).*

ARAÚJO, F. M. *O Ateneu e a nostalgia da forma*. Natal: UFRN, 2011. [Dissertação de Mestrado.]

*Entendendo O Ateneu como “grande alegoria da historiografia literária como um todo e do romance em particular”, e Sérgio como “alter ego estilístico de Raul Pompeia”, o autor tenta mesclar o estudo das memórias do narrador ao estudo da forma da obra – em particular, de seus elementos estilísticos. Tal propósito incorpora a escrita da dissertação, que se vale de uma série de liberdades textuais (das fontes e tamanhos das letras utilizadas, às metáforas e comparações de caráter poético). No entanto, parece haver uma série de truísmos ou obscurantismos por debaixo destas inovações, como o expressam alguns trechos escolhidos em passant: “Sérgio é um menino melancólico da origem e nostálgico da originalidade”; “já não importa mais Telêmaco nem Sérgio, nem a inteireza de ambos e a referencial do signo poético que se envolve sob os véus da fantasia” etc.*

ATIK, M. L. G. O mestre e a providência. In: PERRONE-MOISÉS, L. (Org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense; Edusp, 1988, p.79-90.

*Estudo dos diversos recursos estilísticos e retóricos empregados pelo narrador para a crítica da figura falsamente moralista de Aristarco, tais como a amplificação, o paralelismo, a anáfora etc. Juntamente ao artigo de Roberto Brandão, trata-se de um reforço salutar (e nunca demasiado) à leitura dos procedimentos retóricos do romance.*

AVANCINI, J. A. A paisagem em *O Ateneu*: a visão pictórica da natureza no texto de Raul Pompéia. In: LOPES, A. H.; VELLOSO, M. P.; PESAVENTO, S. J. (Orgs.). *História e Linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2006, p.130-5. *Estudo das descrições da natureza no romance como espelho da interioridade de Pompeia. Para o crítico, Sérgio-Pompeia recorre à natureza de maneira impressionista, embora deixe entrever uma carga afetiva próxima ao expressionismo.*

ÁVILA, E. A. C. *O Ateneu: notações sobre a condição do interno, do internato e da formação (Bildung)*. *Revista Discente do CELL*, n.0, p.61-8, jan.-jun. 2010.

*Breve discussão do romance em que se elencam alguns dos principais termos empregados pela crítica – caráter autobiográfico do texto; impressionismo X expressionismo estilístico; Ateneu como microcosmo da época (Aristarco – D. Pedro II) etc. Pondera-se ao fim a possível inserção da obra como “romance de formação”: ora como formação dos ideais morais de Sérgio via Dr. Cláudio, Ema ou seu próprio pai; ora a de-formação dos mesmos, via Aristarco-Ateneu.*

AZEVEDO, R. C. *O incendiário em O Ateneu*. São Luís: Edição do Autor, 1980.

*Estudo valioso de diversos pontos pouco discutidos do romance, como a significação icônica dos dois primeiros desenhos, comparados à narração de seus primeiros parágrafos. Muito embora haja a afirmação de que o gesto incendiário de Américo seja “uma projeção do autor” na ficção, a leitura biográfica não representa, em seu conjunto, o fio condutor da interpretação, que desponta, como dissemos, pela experimentação e novidade.*

BARBOSA, J. A. Os discursos do doutor Cláudio. *Cult*, São Paulo, n.30, p.14-7, 2000.

*Aparentando-se com a discussão de Mazzari no que toca à centralidade dos discursos do Dr. Cláudio para a significação social do romance, o autor sintetiza os possíveis problemas de leitura suscitados pelos mesmos discursos no que denomina a dualidade estrutural da obra, a saber, a vingança pessoal do escritor e a crítica social, marcada pelo conceito de microcosmo.*

BARATA, M. Posição estética dos desenhos de Raul Pompéia. In: POMPEIA, R. *Obras: miscelânea, fotobiografia*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal de Angra dos Reis, 1991, p.439-46.

*Ao lado do estudo de José Paulo Paes, trata-se de discussão fundamental para a compreensão dos desenhos de Pompeia, em especial das ilustrações d’O Ateneu. A par de algumas indicações técnicas sumárias, o autor levanta a hipótese de que as ilustrações do romance tenham sido anexadas a critério de funcionários da Livraria Francisco Alves, e não do próprio escritor. Segundo Barata, não há indicações nos desenhos que remetam às páginas em que constam da segunda edição do romance, o que corrobora sua hipótese. Menciona-se ainda o impressionismo em formação na consciência artística de Pompeia, que “se teria desenvolvido ‘espontaneamente’ no Brasil, diminuídas as importações de moldes estrangeiros diretamente aplicados em obras cá na terra, se o escritor não houvesse falecido cedo”.*

BARTHOLO, T. Introdução. In: POMPÉIA, R. *O Ateneu*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p.7-18.

*Comentários de ordem técnica acerca do critério editorial utilizado para a publicação do volume, com especificações da grafia do escritor, erros de revisão presentes nas edições anteriores etc. Acreditamos que, de uma comparação aprofundada entre esse trabalho e os de Afrânio Coutinho e Wladimir Olivier, possa surgir futuramente uma edição crítica (e quiçá definitiva) do romance.*

BECHARA, E. Discurso do Sr. Evanildo Cavalcante Bechara. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discursos acadêmicos (1996-2011)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, t.VII, p.453-67.

*Quinto e mais recente discurso de posse da cadeira 33 (2001), em que o eminente gramático inventaria a contribuição intelectual dos antecessores (Domício, Magalhães, Edmundo e Coutinho). Quanto ao patrono, repete textualmente as opiniões de Afrânio Coutinho, citando trechos de seu discurso.*

BENELLI, S. J. O internato escolar *O Ateneu*: produção de subjetividade na instituição total. *Psicologia USP*, São Paulo, n.14(3), p.133-70, 2003.

*O romance é visto, no artigo, como exemplo do conceito de Goffman de “instituição total”, e é analisado enquanto um caso próximo àquele dos hospitais psiquiátricos, dos reformatórios etc. A escrita memorialística de Sérgio equivale, assim, a uma rebeldia próxima à de um jovem infrator que questiona determinadas condições desumanas de vida. Tal leitura, a rigor, não se vincula a nenhuma das três tendências apontadas, já que o texto literário faz as vezes de um caso ou documento de época, ocupando um lugar secundário ante a teoria que se busca confirmar.*

BOSI, A. *O Ateneu*: opacidade e destruição. In: \_\_\_\_\_. *Céu, Inferno*. São Paulo: Ática, 1988, p.33-57.

*Partindo da leitura exemplar de Araripe Jr., esse segundo estudo de Alfredo Bosi problematiza a análise anterior do romance ao enfatizar, paralela à crítica do narrador à opressão do colégio e das teorias que ele veicula, as relações intersubjetivas e a experiência fenomenológica do olhar, cuja reversibilidade do ver/ser visto possivelmente inaugura uma interpretação fenomênica do texto, ainda pouco explorada pelos demais intérpretes do romance.*



- BOSI, A. Raul Pompéia. In: PAES, J. P.; MOISÉS, M. (Orgs.). *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1969, p.198-9.  
*Entrada de dicionário em que se busca obviamente dar uma ideia panorâmica do escritor e de sua obra. No que diz respeito a O Ateneu, aponta-se um “drama interior nuclear”: a ressurreição dos tempos vividos e sofridos no Colégio Abílio. Observa-se, todavia, para além dessa chave biográfica de leitura, que os recursos empregados pelo romancista – caricatura, sensualismo, crítica psicológica etc. – enformem talvez a “mais perfeita estilização da revolta” em nossa literatura.*
- BRANDÃO, R. O. *O Ateneu e a retórica: de como o texto de Raul Pompéia ironiza a tendência oratória enraizada na cultura brasileira. Remate de males*, Campinas, n.15, p.47-57, 1995.  
*Estudo consciente e importante dos aspectos retóricos do romance, que, apesar dessa importante contribuição (e da de Wladimir Olivier), ainda não foram mais amplamente considerados pela fortuna crítica. Destaca-se o uso exacerbado da condensação e da intensificação como recursos formais de ataque ao bacharelismo oitocentista, assim como se discute a presença de topos clássicos no romance.*
- BRAYNER, S. Raul Pompéia e a aprendizagem do Mal. In: \_\_\_\_\_. *Labyrinth do espaço romanesco: tradição e renovação da literatura brasileira 1880-1920*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979, p.119-45.  
*Discussão da obra de Pompeia a partir da herança machadiana de “sondagem psicológica”, passando pelo recurso à ironia na sátira política d’As joias da Coroa e pela oscilação constante entre objetividade e subjetividade – marca de prosa impressionista – n’O Ateneu. Para a autora, o romance pode ser visto como uma “autobiografia panfletária”, a criticar o contexto de sua época através do “jogo de espelhos” que vai de Sérgio menino a Sérgio adulto (chamado por ela de “bivocalismo” paródico).*
- CAMPEDELLI, S. Y. Um ruído libertário trincando o autoritarismo. In: POMPÉIA, R. *O Ateneu*. 2.ed. São Paulo: FTD, 1992, p.7-11.  
*Leitura panorâmica e introdutória do romance em que se levantam diversos pontos conflitantes de interpretação – escrita como confissão pessoal e testemunho de uma época, O Ateneu como “roman à clef” inspirado no Colégio Abílio etc. – sem que se opte por nenhum em específico. Positivamente, indica-se a rejeição da receita naturalista no todo da obra e a centralidade abusiva do narrador Sérgio, “autêntico representante da*

*burguesia”, denunciado de dentro de sua visão de mundo mesquinha pelo autor.*

CAMPOS, D. C. F. Nos domínios de Eros, Ânteros e Tânatos, *O Ateneu* de Raul Pompéia e *Querelle de Brest* de Jean Genet. *Anuário de Literatura*, n.10, p.109-34, 2002.

*A partir de Foucault, Derrida e Bataille, discute-se o controle dos corpos pelo internato (Ateneu) e pela marinha (Brest) no “jogo de troca”, ou “jogo de poder”, que vai do corpo vigiado ao corpo transgressor. Por este viés, aponta-se como principal diferença do homoerotismo nos romances o papel do vigiado, da vítima, em Sérgio (que evolui até a amizade/amor com Egbert), e o do transgressor, em Brest; já como semelhança, assinala-se, dentre outras, o papel ambíguo do controle dos corpos pelos discursos hegemônicos de Aristarco e Seblon.*

CAMPOS, H. Tópicos (fragmentários) para uma historiografia do como. *Cadernos PUC: Arte e Linguagem – Língua e Literatura na Educação*, São Paulo, n.14, p.124-36.

*Breve análise do romance, dentro do propósito mais abrangente de uma história literária da comparação – ou do “como” – na literatura brasileira, em que se afirma ser ele “uma prosa que não quer outra coisa senão ser poesia, [e que] envolve já uma sensível dissolução da estrutura narrativa, que perde em ‘conexão épica’ objetiva, para fiar-se no prisma deformante de um eu reminescente, cujas pulsões, empáticas ou dispáticas, regulam o ritmo da urdidura romanesca”. A posição ocupada pela obra de Pompeia, sob essa perspectiva histórica das formas literárias, seria intermediária às de José de Alencar e Clarice Lispector.*

CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A. *Presença da literatura brasileira*, 3.ed. São Paulo: Difel, 1988, v.1, p.348-58.

*Discussão sumária d’O Ateneu em que, após serem elencados alguns dos elementos de maior importância da obra – tom memorialístico, intimidade entre autor e obra, fluidez do enredo, duração interior etc. –, afirma-se um comprometimento do escritor para com a poética simbolista.*

CARNEIRO, R. Adolescer agrilhado? Visões do internato n’O Ateneu de Raul Pompéia e nas *Memórias* de Pedro Nava. *Revista das Faculdades de Letras – Línguas e literaturas*, Porto, 2ª série, v.21, p.351-70, 2004. Ótimo estudo comparativo entre as duas obras com base em sua referência comum ao Bildungsroman. Para o autor, enquanto as *Memórias* de

*Nava figuram como uma “autobiografia romanceada”, O Ateneu pode ser visto como um romance autobiográfico, que faz a ficção alargar-se a ponto de tocar as experiências do romancista. A partir daí, analisa-se a trajetória de Pedro e Sérgio, com destaque para as semelhanças de seus roteiros de formação (educação informal, ingresso no colégio, leituras (i) lícitas etc.) e para suas diferenças de tratamento (colégio como espaço repressivo em Pompeia; colégio como espaço repressivo, mas também de aprendizado, em Nava). Sugere-se, com José Maria Cançado, que a obra de Nava seja uma espécie de “pastiche” d’O Ateneu.*

CARPEAUX, O. M. A propósito do centenário de Raul Pompéia. *Leitura*, Rio de Janeiro, n.70-71, p.10-1, 1963.

*Balanco ponderado das primeiras leituras d’O Ateneu como “romance impressionista”, classificação então recente proposta por si, mas reconhecidamente iniciada por Agrippino Grieco.*

\_\_\_\_\_. *Pequena bibliografia crítica de literatura brasileira*. 3.ed. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

*Avaliando rapidamente a obra “inclassificável” de três autores – Raul Pompeia, Araripe Jr. e Euclides da Cunha –, o crítico avança a hipótese de que, em termos estilísticos, o forte temperamento dos três é apenas traduzível pelo conceito abrangente de “impressionismo”. Assim, classifica sem mais O Ateneu como “romance impressionista”.*

CASTELLO, J. A. *A literatura brasileira*. São Paulo: Edusp, 1999, v.1, p.396-9.

*Definindo O Ateneu como narrativa em terceira pessoa [sic], o crítico assinala uma interdependência entre o narrador e o personagem, marcada pela atualização do passado no presente pela memória. Assim, destaca-se o teor expressionista do texto, que, contudo, não basta para sua classificação, sempre pouco significativa em seu caso.*

\_\_\_\_\_. *Memória e ficção: de Raul Pompéia a José Lins do Rego*. *Remate de Males*, Campinas, n.15, p.33-44, 1995.

*Afirmado no romance o pioneiro da escrita memorialística brasileira, esse estudo sumário do romance discute brevemente o jogo que há entre a confluência do narrador e do escritor no “agora ficcional/real”, passando então a tratar da obra de Lins do Rego.*

\_\_\_\_\_. *O Ateneu e o romance modernista*. In: \_\_\_\_\_. *Aspectos do romance brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC, 1961, p.104-17.

*Discussão e elogio do caráter multifacetado do romance de Pompeia, em que se aponta, por intermédio dos diversos traços estilísticos aí presentes, uma antecipação e preparação das inovações modernistas.*

CASTRO, A. J. Raul Pompéia. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, n.23-24, p.219-26, 1961.

*Neste artigo, o autor parece-nos fornecer o argumento cabal para a refutação da leitura biografista do romance. Segundo ele, mesmo que O Ateneu fosse uma confissão íntima de Pompeia, igualando-se por inteiro à sua personalidade, haveria aí uma contradição de base: pois excessivamente pudico e avesso às confissões, tidas em seu caderno de notas pessoais como formas de “fraqueza”, ele não poderia – biograficamente falando – transpor-se tão linearmente em um texto escrito. Antes disso, O Ateneu permanece na literatura brasileira como caricatura verbal e exemplo “plenamente realizado” de romance impressionista.*

CASTRO, E. B. O Ateneu de Raul Pompéia: uma análise psicanalítica de suas personagens. Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2010. [Dissertação de Mestrado.]

*Apesar de contar com um instrumental psicanalítico de análise, os fundamentos do estudo são de ordem linearmente biográfica, pois, como afirma a autora, “defende-se como hipótese central deste trabalho a ideia de que o autor, quando escreve uma obra, libera o que está em seu inconsciente, como um dito seu, falado por outro. No caso, Raul Pompeia expressa suas lembranças, sentimentos e vivências através da personagem Sérgio”. Paralelamente, há discussão do sentido crítico do romance, enquanto denúncia da opressão e do autoritarismo da sociedade monárquica da época através da instituição do Ateneu, microcosmo do Brasil de Pedro II.*

CHACÓN, J. C. O animal cultural. In: PERRONE-MOISÉS, L. (Org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense; Edusp, 1988. p.123-36.

*Discussão dos pontos de aproximação do romance com o naturalismo e o darwinismo oitocentistas especificamente no tocante às imagens animais empregadas, de significativa recorrência na obra. Defende-se que o uso dessas imagens seja uma continuação da crítica às falsas verdades do colégio, e que por detrás de uma imagem animal – por exemplo, a caranquejola do colégio – esteja um jogo de projeção e ocultamento do Eu.*

COLI, J.; DANTAS, L. “Préface”. In: POMPÉIA, R. *L’Athenée: chronique d’une nostalgie*. Aix-en-Provence: Pandora, 1980, p.I-VIII.

*Estudo em que se enfatiza o drama existencial de Sérgio e seu caráter universal, em contraposição às leituras de viés biográfico d'O Ateneu. Antes, sugere-se, na mesma esteira intimista de análise, a classificação de "roman de la heine du monde", salientando as diversas qualidades estilísticas de expressão – uso da ironia, caricatura etc.*

CORRÊA, R. A. Notas sobre o romance naturalista no Brasil. In: HOLLANDA, A. B. (Org.). *O romance brasileiro (de 1752 a 1930)*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952, p.259-63.

*Esboço brevíssimo de opinião sobre o romance, onde se o considera uma mistura do subjetivismo romântico com a ironia de Voltaire.*

COUTINHO, A. Discurso de posse de Afrânio Coutinho na Academia Brasileira de Letras (1962). In: COUTINHO, E. F.; KAUSS, V. L. T. (Org.). *Discursos de Afrânio Coutinho*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p.143-84.

*Quarto discurso de posse da cadeira 33, onde se explora com mais vagar a inserção impressionista de Pompeia na literatura brasileira, defendendo-se tal classificação – tornada possível apenas com os avanços da Nova Crítica, que o autor considera a crítica "verdadeira" – como resposta para o que fora até então um enigma. Para o autor, sua obra, e em particular O Ateneu, aproxima-se inteiramente da de Proust e dos Goncourt. O mesmo afirma sobre Domício da Gama, para deter-se, logo mais, na produção de seu antecessor imediato, Luís Edmundo, e em sua própria produção acadêmica.*

\_\_\_\_\_. Literatura brasileira: introdução. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *A literatura no Brasil*. 5.ed. São Paulo: Global, 1999, p.130-61.

*Em breve comentário sobre o impressionismo literário no Brasil, o autor reserva um lugar de destaque à obra de Pompeia como uma de suas mais altas expressões. É lícito destacar, contudo, que, por ser uma coleção de caráter abrangente e em constante atualização, as observações do crítico/organizador tiveram algumas pequenas modificações e nuances ao longo dos anos. Por exemplo, na segunda edição dessa mesma obra, de 1959, há a informação de que essa classificação impressionista de Pompeia passa pela écriture artiste dos irmãos Goncourt, aqui "suprimida" (também presente em Introdução à literatura no Brasil). Todavia, como o estudo específico de Pompeia coube, no contexto dessa coleção, a Eugênio Gomes, optamos por "suprimir" igualmente uma análise mais detida dessas revisões.*

CRUZ, A. C. P. S. *O Ateneu de Raul Pompéia: uma claustrotopia – espaço de discursos modeladores*. Araraquara: Unesp – FCL, 2010. [Dissertação de Mestrado.]

*Partindo do pressuposto de que o Ateneu represente um espaço de opressão, discute-se a hipótese de interpretação do romance como uma “claustrotopia” (=lugar de confinamento). Em lugar de uma leitura metonímica do internato enquanto microcosmo do Brasil da época, faz-se a análise dessas relações de poder que se perpetuam no lugar “restritivo” e crítico da narração de Sérgio (segundo terminologia de Aguiar e Silva), e sugerem, consequentemente, uma “claustrosafia” narrativa. É lícito destacarmos, todavia, que tal relação pode evocar certa petição de princípio, posto que tais espaços de clausura somente são dados a conhecer através da narração de Sérgio (nos termos empregados, anterioridade da “claustrosafia” à “claustrotopia”).*

CURVELLO, M. Qualquer semelhança com pessoas reais... In: \_\_\_\_\_. *Raul Pompéia: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1981, p.100-5.

*Por detrás do aparente biografismo da obra, e do recurso à écriture artiste como forma de encobrir traços inconscientes que só viriam a ser mais tarde estudados por Freud, o estudo enfatiza a posição central do narrador (“O poder de Sérgio sobre o foco narrativo é absoluto”), que se apóia cegamente nas ideias do pai – figura representativa do poder social e moral já estabelecido.*

DELGADO, M. C. G. O escritor e o conferencista. In: PERRONE-MOISÉS, L. (Org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense; Edusp, 1988, p.227-34.

*Análise específica, tal como a de Stella Barros, dos discursos do Dr. Cláudio, com a diferença de que se procura aqui antes a relação das conferências com os elementos do romance que com o pensamento estético do escritor. Para a autora, sendo discursos ficcionais dentro de uma ficção, não há como derivá-los diretamente do escritor – embora, ao concluir, reconheça a mediação do pensamento de Pompeia e “o peso marcante da visão naturalista do mundo”.*

EULÁLIO, A. *O Ateneu: inspeção*. In: \_\_\_\_\_. *Livro involuntário: literatura, história, matéria e memória*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993, p.279-80.

*Escrito quando da publicação da edição portuguesa d’O Ateneu, o autor destaca a íntima dependência da obra para com o pensamento estético*

*de Pompeia, embora lamente o enfoque estritamente biográfico de parte da crítica do romance. Neste viés, elogia a leitura de Roberto Schwarz e preconiza uma leitura da “estética de cambiantes do autor das Canções sem metro.”*

FALEK, C. A. *O Ateneu de Raul Pompéia et Doidinho de José Lins do Rego*. Toulouse: L’Université de Toulouse, 1974. [Tese de Doutorado.]  
*Discutido nas notas do texto.*

FERREIRA, E. F. O discurso em chamas. In: PERRONE-MOISÉS, L. (Org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense; Edusp, 1988, p.151-60.

*Comparação temática d’O Ateneu a O Cortiço a partir do episódio comum do incêndio, com ênfase nos pontos dessemelhantes: no primeiro, estilo impressionista, preocupação retórica com as palavras e figuras de linguagem, fogo como sinal de revolta e libertação em diversos níveis; no segundo, função predominantemente referencial da linguagem, tom de deboche nas descrições, fogo como mera consequência da loucura da bruxa etc.*

FREITAG, B. O romance de formação brasileiro. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n.118-119, p.161-80, jul.-dez. 1994.

*Discussão do romance juntamente a outros quatro romances brasileiros como forma de comprovação ou contestação das definições de “romance de formação” de François Jost, Mikhail Bakhtin e Cristina Ferreira Pinto. No que diz respeito especificamente a O Ateneu, aponta-se a formação intelectual e sexual de Sérgio como principal fator de classificação da obra como “romance de formação”, bem como sua relação com o Brasil da época (transição da Monarquia à República). Há, todavia algumas imprecisões e acidentes de percurso, como a atribuição a Sérgio da recusa peremptória do beija-mão à Princesa Isabel (e não a Jorge, filho de Aristarco) ou como a suposta fuga de D. Ema com um aluno (e não com Crisóstomo, professor do Ateneu).*

\_\_\_\_\_. Sérgio e Aristarco em *O Ateneu*: a formação dos indivíduos através da instituição. In:\_\_\_\_\_. *O indivíduo em formação: diálogos interdisciplinares sobre educação*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1994, p.92-110.

*Brilhante estudo sobre o possível sentido d’O Ateneu como romance de formação, em que, após uma análise dos papéis sociais de Sérgio e de Aristarco (dominado x dominador), e de uma refutação da Bildung na obra com base na existência do internato a partir de pressões puramente*

*sociais (e não também individuais, como faria crer uma obra na linha de Wilhelm Meister), a autora acaba por relativizar os dados expostos pelo narrador – de um lado, os defeitos da instituição; de outro, os ressentimentos de Sérgio –, que, apesar de tudo, acabou por formar-se dentro desse meio, ao contrário do que quer fazer crer. Por isso, a autora afirma, conclusivamente: “O Ateneu é não somente uma obra-prima literária, mas também o mais completo dos nossos romances de formação”.*

GALÉRY, E. D. Retórica da guerra. In: PERRONE-MOISÉS, L. (Org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense; Edusp, 1988, p.93-106.

*Trata-se de mais uma contribuição ao estudo dos elementos retóricos do texto, com ênfase em sua “retórica da guerra”: a concepção de vida como luta no internato, a polícia secreta do diretor, a revolução da goiabada etc. Há levantamento do vocabulário estudado ao final da discussão.*

GOMES, E. Raul Pompéia. In: COUTINHO, A. *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2002, v.4, p.174-82.

*Entendendo em Pompeia o mais acabado cultor da écriture artiste dos irmãos Goncourt, o crítico ressalva, apesar desse rebuscamento formal, a amargura do escritor por sobre a acuidade psicológica d’O Ateneu. A ascendência do narrador sobre o protagonista representa, assim, aquela do próprio escritor sobre a obra, revoltado ante a transferência imprevista da autoridade paterna para um estranho (Aristarco).*

\_\_\_\_\_. Pompéia e a natureza. In: \_\_\_\_\_. *Visões e revisões*, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958, p.257-63.

*Observação pertinente sobre a inversão do impressionismo no Brasil (ante-posição do impressionismo literário ao pictórico), com o exemplo sugestivo da cabra pintada por Sérgio n’O Ateneu. A seguir, discute-se o elemento impressionista no romance – disperso nos jogos de luz e sombra, nas comparações zoomórficas auxiliadas pela natureza; na tentativa de apreensão do instante fugaz etc.*

GRIECO, A. De Júlio Ribeiro a Raul Pompéia. In: \_\_\_\_\_. *Evolução da prosa brasileira*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947, p.75-81.

*Breve comentário de grande influência na recepção do romance, em que se inaugura a leitura d’O Ateneu como romance impressionista (prevista em parte, como é justo relembrar, na classificação de Pompeia por Araripe Jr. de “realista subjetivista”).*



HEREDIA, J. L. *Matéria e forma narrativa de O Ateneu*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1979.

*Compêndio valioso e único das informações mais gerais até então pronunciadas a respeito do romance, onde concorre o estudo da significação biográfica da obra, de sua relação especular de microcosmo social, dos elementos narrativos pressupostos pela “Crônica de saudades”, da tensão sexual entre os internos, da classificabilidade complexa – mas tendendo ao impressionismo – do texto; dos tipos do internato; das imagens e símbolos empregados etc. No que diz respeito particularmente à narração, afirma-se que há três vozes: a do menino que vive; a do adulto que recorda; e a de Pompeia, que arremata com sua filosofia pessimista de vida.*

HOSIASSON, L. Disciplinas e indisciplinas no Ateneu. In: PERRONE-MOISÉS, L. (Org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense; Edusp, 1988, p.68-78.

*A partir de uma discussão inicial sobre a inadaptação do modelo francês de ensino ao contexto brasileiro do século XIX, a autora passa a analisar os dois tipos de “indisciplina” presentes no romance – a indisciplina nas matérias estudadas (tais como a visão limitada de mundo oferecida pelas cartilhas do Ateneu) e a indisciplina no comportamento (como o “sistema de tutela” dos internos).*

IANNONE, C. A.; DÉCIO, J. A obra de Raul Pompéia. In: POMPÉIA, R. *O Ateneu*. Rio de Janeiro: Três, 1973, p.15-21.

*Ressaltando o conteúdo autobiográfico e social d’O Ateneu, os autores antecipam a dualidade estrutural proposta por João Alexandre Barbosa ao afirmar que o romance participa de duas linhas opostas, claramente definidas: uma introspectiva ou psicológica, de recuperação do tempo interior, e uma social, de estudo dos tipos do internato e de crítica caricatural à pedagogia da época.*

IVO, L. *O universo poético de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1962.

*Discutido no corpo do texto.*

JANZEN, H. E. *O Ateneu e Jakob von Gunten: um diálogo intercultural possível*. São Paulo: FFLCH, 2005. [Tese de Doutorado.]

*Estudo comparado entre os romances de Pompeia e Robert Walser, com base em conceitos de interculturalidade de Bakhtin e de Alois Wierlacher. Aponta-se a irrealização do ideal formativo do Bildungsroman*

*nos heróis Sérgio e Jakob simultaneamente à manutenção de diversos elementos deste subgênero romanesco nas duas obras, como a construção do narrador em primeira pessoa, a saída de casa e o amadurecimento em uma instituição de ensino etc.*

JUBRAN, C. C. A. S. Recursos fonostilísticos em *O Ateneu*, de Raul Pompéia. *Alfa*, São Paulo, v.27, p.53-63, 1983.

*Aparentemente aproveitada, em partes, da tese da autora, a discussão, iniciada por uma revisão teórica de conceitos da Linguística, pauta-se na análise da verbosidade do episódio da banda militar do colégio, em que os elementos fônicos (como a presença excessiva de vibrantes e sibilantes, vogais altas etc.) caricaturizam – e assim ironizam – a predileção de Aristarco pelos programas vistosos (mas vazios).*

LIMA, J. M. A função do clichê literário em *O Ateneu*. In: PERRONE-MOISÉS, L. (Org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense; Edusp, 1988, p.184-95.

*Levantamento dos clichês presentes no romance com base na definição do termo por Jean Dubois: a visão romântica de Sérgio acerca de sua primeira infância; a metáfora do material didático como “pão do espírito”; a descrição hugoana da “voz trovejante” de Aristarco etc.*

MADEIRA, M. A. *Modernidade e psicanálise na obra de Raul Pompéia; Manuel Bandeira, poeta das coisas simples*. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1999.

*Apesar dos seguidos elogios à obra de Pompeia, trata-se de uma leitura em que o romance é visto como precursor do modernismo e da psicanálise, estando suas qualidades restritas à razão mesma desta antecipação.*

MAZZARI, M. V. “Um ABC do terror”: representações literárias da escola. In:\_\_\_\_\_. *Labirintos da aprendizagem: pacto fáustico, romance de formação e outros temas de literatura comparada*. São Paulo: 34, 2010, p.159-96.

*Brilhante estudo comparado entre O Ateneu e O jovem Törless, de Robert Musil, que traz uma importante contribuição para a leitura social do primeiro: para o crítico, se, de fato, o Ateneu é um microcosmo da sociedade da época, como o quer Sérgio através das conferências do Dr. Cláudio, ao sê-lo, ele apenas faz por reforçar a perenidade do drama existencial do narrador, sintetizando o internato como reprodução fiel dos altos e baixos da classe dominante de então, e não como difusor de um*

*comportamento crítico em/para com seus educandos. O argumento deixa em aberto, todavia, o fato de ser o próprio Sérgio membro dessa elite dominante, e, logo, duplamente interessado na manutenção-representação do colégio como microcosmo.*

MERQUIOR, J. G. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira* – I. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p.191-3.

*Interpretação de Pompeia como o maior impressionista brasileiro depois de Machado de Assis e d'O Ateneu como sequência impressionista de "páginas" soltas na consciência do narrador", complementada pela sátira da oratória vazia de lentes e alunos. Define-se ainda o romance como "romance-ensaio", em que as ideias do escritor são discutidas pelas/nas conferências de Cláudio.*

MESQUITA JR., G. Apresentação. In: POMPÉIA, R. *O Ateneu*. Brasília: Senado Federal, 2008, p.5-6.

*Apresentação encomiástica do romance, em que se elencam, sem juízos de valor, leituras clássicas como as de Araripe Jr., Otto Maria Carpeaux, Ronald de Carvalho etc.*

MIGUEL-PEREIRA, L. *História da literatura brasileira: prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973.

*Discutido no corpo do texto.*

MILLIET, S. *Diário crítico de Sérgio Milliet*. São Paulo: Martins; Edusp, 1981, v.7, p.194-8.

*Na entrada de 19 de janeiro de 1950, escrita a propósito da História da literatura brasileira de Lúcia Miguel-Pereira, o crítico discute a relativização que a autora faz da importância d'O Ateneu, sendo, a seu ver, "a mais bela, pura e profunda obra de ficção da literatura brasileira". Apesar de concordar com a síntese do romance feita pela autora ("drama da solidão"), considera-o tão universal quanto qualquer obra de Machado de Assis, escritor por ela muito elogiado. A seguir, discute outros pontos da História, alheios a Pompeia (com o mesmo poder de síntese, digamos de passagem, do monumental Diário).*

MOISÉS, M. Raul Pompéia. In:\_\_\_\_\_. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1983, v.3, p.117-33.

*Após uma breve discussão das demais obras do escritor, o estudo atém-se a O Ateneu, e logo salienta sua classificação complexa de romance de*

*memórias, misto de ficção e recordação. Não obstante, a hipótese a seguir desenvolvida é a de que o texto seja uma paródia d'A Divina Comédia, em que os doze capítulos da vida de Sérgio equivalem de certa forma aos nove círculos infernais de Dante. Nessa chave inusitada de leitura, o aprendizado da vida em sociedade, entreaberto pelo pai (Virgílio), é um aprendizado do mal, e o reino ífero de Aristarco é acolitado por "professores e serventes, avatares dos monstros mitológicos e diabretes que vigiam os círculos dantescos". Há ainda comparações com os quadros de Bosch, com os romances de Kafka etc.*

MONTEIRO, P. M. O domínio do sujeito: *O Ateneu*. In: POMPÉIA, R. *O Ateneu*. São Paulo: Penguin Classics – Companhia das Letras, 2013, p.7-26.

*Estudo introdutório do romance, que conta com rápido, mas bom levantamento de algumas questões de sua fortuna crítica. À maneira de Lúcia Miguel-Pereira, para além da esfera biográfica ou social da obra, o autor salienta a dimensão humana e existencial de Sérgio, "sujeito oprimido pelos moldes da civilização, presa de um mundo que lhe parece estranho, como se ele fosse um desterrado nesta terra".*

MURICY, J. C. A. Raul Pompéia (1863-1895). In:\_\_\_\_\_. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*, 2.ed. Brasília: Conselho Federal de Cultura; INL, 1973, p.227-39.

*Em retratação à ausência, na primeira edição do Panorama, de uma entrada acerca de Pompeia, Muricy discute sua obra a partir de um viés estilístico, pautado nas neuroses do escritor como fundamentos mais imediatos de suas inovações formais, ora impressionistas ora simbolistas. O crítico reconhece o pioneirismo das Canções sem metro como primeiro poema em prosa brasileiro, ao que aproxima as contradições desta e de outras obras, como O Ateneu, mal classificadas pela crítica de então, a traços da visão de mundo simbolista.*

NASCIMENTO, D. O. *Dossiê Sérgio: O Ateneu como romance de formação*. Campinas: Unicamp, 2000. [Dissertação de Mestrado.]

*Interpretação d'O Ateneu como "romance de formação" em dois sentidos: como construção da subjetividade de Sérgio (formação) e como inventário de suas impressões pessoais (de-formação). Do contraste entre ambos, analisa-se o caráter impressionista do texto, bem como sua crítica aos padrões de ensino de então. Há comparação entre o romance e Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister, bem como levantamento de parte da recepção crítica da obra.*

NICOLA, J. *O Ateneu* ou a definição de uma individualidade. In: POM-  
PÉIA, R. *O Ateneu. As joias da coroa*. São Paulo: Scipione, 1995,  
p.XXI-XXIV.

*Breve inventário das leituras do romance em que se elencam diversas possibilidades de leitura da obra – microcosmo, “vingança” do escritor etc. – e se recomenda que “não [sejam] feitas isoladamente”, dada a dimensão de obra-prima do texto. A discussão é interrompida, e continuada a seguir em um posfácio, onde enumera os episódios do romance, bem como as diversas classificações a ele atribuídas – naturalista, realista, impressionista etc. –, sem optar dentre elas.*

OLIVEIRA, F. Espírito e forma de Euclides. In: \_\_\_\_\_. *A fantasia in-  
exata: ensaios de literatura e música*. Rio de Janeiro: Zahar, 1959,  
p.256-61.

*Breve comentário a respeito de Euclides da Cunha sobre as qualidades literárias de Pompeia, tido como precursor de sua prosa impressionista e de seu vigor intelectual.*

OLIVIER, W. *Dois momentos no estilo de Raul Pompéia*. São Paulo:  
FFLCH, 1976. [Tese de Doutorado.]

*O minucioso estudo estilístico do romance, de comparação entre as edições existentes do mesmo e o códice deixado por Pompeia à Francisco Alves, é talvez o mais acabado exemplo do que seria uma edição crítica d’O Ate-  
neu. É lamentável, contudo, que não tenha sido publicado fora do meio acadêmico, e que seu acesso se restrinja apenas à pesquisa local.*

PACHECO, J. A perscrutação psicológica. In: \_\_\_\_\_. *A literatura brasi-  
leira: o realismo (1870-1900)*. 4.ed. São Paulo: Cultrix, 1971, p.144-51.

*Estudo importante, mas infelizmente não muito comentado, do romance, em que, após uma relativização da influência dos irmãos Goncourt, discute-se o enviesamento narrativo de Sérgio, que adentra o interior dos demais personagens sem podê-lo. Ademais, como que preparando a leitura de Santiago, aponta-se também o desajuste dos discursos do Dr. Cláudio ao protagonista, supostamente pueril. Finalmente, afirma-se ser O Ate-  
neu um romance poético.*

PAES, J. P. Sobre as ilustrações d’O Ateneu. In: \_\_\_\_\_. *Gregos e baianos*.  
São Paulo: Brasiliense, 1985, p.49-63.

*Ensaio fundamental sobre as ilustrações do romance, entendidas enquanto suporte e contraponto à caricatura estilística desenvolvida no corpo do*

*texto. O autor defende uma linha de raciocínio subjacente às ilustrações, e que é a do aprendizado sexual de Sérgio no microcosmo do Ateneu – das primeiras relações homoafetivas à homossexualidade adulta, ao lado de D. Ema. Mais tarde, a heteronormatividade dessa leitura foi em parte combatida por autores como Yonamine.*

PASTA JR., J. A. *A metafísica ruínosa d'O Ateneu*. São Paulo: FFLCH, 1991. [Tese de doutorado.]

*Compreensão d'O Ateneu como “obra indecidível”, que se esconde em seu leitor “numa complexa operação de sideração”. Contudo, como o próprio autor afirma ser a leitura do romance não “apenas ‘difícil’ ou ‘proble-mática’ – num certo sentido ela é impossível”, torna-se difícil averiguar como, então, dá-se essa “indecidibilidade” da obra.*

PEREIRA, H. B. C. *As transgressões retóricas n'O Ateneu*. In: PER-RONE-MOISÉS, L. (Org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense; Edusp, 1988, p.163-76.

*Contribuição ao estudo da retórica do romance a partir de seu uso das comparações. Para a autora, o abuso de comparações entre objetos incompatíveis, combatido pelos manuais de retórica da época, demarca um dos limites de rebeldia formal do romance à visão de mundo imposta pelo Ateneu, atualizado de diversas maneiras ao longo do texto (“como anafórico”, “como insólito” etc.).*

PERES, C. M. *O realismo impressionista de O Ateneu*. São José do Rio Preto: Unesp, 2004. [Dissertação de Mestrado.]

*Bom levantamento contextual dos elementos impressionistas do romance, com discussão do Impressionismo na pintura e na literatura. Todavia, quando aplicada ao estudo da narração de Sérgio, a clareza expositiva desses elementos torna-se um empecilho para o estudo das ambiguidades do narrador, que tem confirmada sua versão dos fatos por detrás da validade aparentemente universal de suas impressões pessoais, sua subjetividade etc.*

PERRONE-MOISÉS, L. *Lautréamont e Raul Pompéia*. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense; Edusp, 1988, p.15-40.

*É lícito destacarmos que o conjunto dessa obra, organizada pela autora a partir de uma disciplina de pós-graduação, constitui ainda hoje a maior empreitada coletiva de estudo d'O Ateneu, constando de diversos estudos*

*dos elementos textuais, retóricos e pedagógicos do romance, entre outros. No que diz respeito à discussão particular da autora, ponto de partida das demais, trata-se de um estudo comparativo d'O Ateneu e d'Os cantos de Maldoror em que se destaca, para além das diferenças contextuais evidentes, a rejeição comum à clausura do internato. Alguns dos traços assinalados a partir dessa rebeldia de base são: a presença da homossexualidade, a aversão comum à Providência, a relação conturbada com o Poder etc. Ressalva-se, por outro lado, os perfis dessemelhantes de Sérgio e Maldoror, sendo aquele, ao contrário desse, amparado por um lar, por certa aura de ingenuidade etc.*

PINTO, A. M. S. M. *A construção do romance moderno de adolescência em Raul Pompéia e em Robert Musil – em busca de uma visão didática.* Araraquara: Unesp – FCL, 2010. [Tese de Doutorado.]

*Estudo comparado entre O Ateneu e O jovem Törless em que se faz uma série de levantamentos biográficos e contextuais das obras e seus autores, assim como das características realistas, naturalistas e impressionistas presentes nos dois romances – com ênfase no caráter moderno de ambos.*

PLACER, X. Raul Pompéia. In: \_\_\_\_\_. *Adelino Magalhães e o Impressionismo na ficção.* Rio de Janeiro: Livraria São José, 1962, p.21-3.

*Tal qual Eugênio Gomes, o crítico vê em Pompeia o exemplo ideal de escrita brasileira goncourtiana – um “pintor da vida de internato”; porém, diversamente, ressalta, além de sua preocupação visual com o texto, a preocupação psicológica na caracterização das personagens, assim como a centralidade teórica das conferências do Dr. Cláudio.*

PORRES, M. A. S. Os discursos do professor Cláudio. In: PERRONE-MOISÉS, L. (Org.). *O Ateneu: retórica e paixão.* São Paulo: Brasiliense; Edusp, 1988, p.235-42.

*A par dos estudos de Stella Barros e Maria Delgado, trata-se de uma discussão específica dos discursos do Dr. Cláudio, aqui buscando responder à afirmação de Lêdo Ivo de que sejam elas “ilhas ensaísticas” dentro do romance. Assim como Delgado, a autora responde pela negativa, e realça as relações intratextuais dos mesmos.*

QUINTALE NETO, F. *Ideias estéticas e filosóficas nos romances O Ateneu, de Raul Pompéia, e Die Verwirrungen des Zöglings Törless, de Robert Musil.* São Paulo: FFLCH, 2007. [Tese de Doutorado.]

*Sob a perspectiva de uma abordagem comparativa temática, o autor ressalta os elementos comuns aos dois romances, tais como a formação dos*

*meninos como pré-artistas (porta-vozes dos escritores); a homossexualidade dos internos; as figuras de Ângela-Bozena etc. No que toca mais especificamente a O Ateneu, o autor destaca a semelhança de ideias com Leopardi e Schopenhauer, os diversos elementos comuns com o k nstlerroman (por exemplo, os desenhos de Sérgio,  ndices de sua forma o artística) etc.*

RIBEIRO, J. A. Raul Pompéia e a fic o nos jornais: ironia, humor e visualidade. *Revista USP*, São Paulo, n.72, p.129-42, fev. 2007.

*Estudo poliédrico, e, no entanto, conciso, das diversas influências do g nero folhetinesco na constru o ficcional d'O Ateneu, passando pelas diversas estratégias de motiva o e atra o do leitor próprias do folhetim: recurso   comicidade e ironia como válvulas de escape   dramaticidade do texto; visualidade descritiva e uso de linguagem impressionista como formas de apelo a um ritmo desigual de leitura etc.*

SACHS, S. O Ateneu e a proje o romanesca do romance familiar. *Remate de Males*, Campinas, n.15, p.61-9, 1995.

*Partindo do método psicanalítico de Marthe Robert, enfoca-se no artigo a transi o da onipot ncia do desejo infantil (ou da criança encontrada) para o ressentimento do adulto (o bastardo), com destaque para a proje o da estrutura familiar para as personagens do internato – o que motiva a classifica o proposta de “romance familiar” a O Ateneu.*

SANDANELLO, F. B. *Entre a pintura e a prosa: o impressionismo literário no Brasil oitocentista*. In: CARVALHO, J. C. (Org.). *Arte e Ciências em Diálogo*. Coimbra: Gr cio Editor, 2013, v.1, p.390-400.

*Tentativa de análise dos elementos impressionistas d'O Ateneu a partir de sua inser o no quadro social do Brasil oitocentista. Há um levantamento do movimento impressionista na França, com breve discussão acerca das obras de Edmond e Jules de Goncourt e seu possível diálogo com o pensamento de Raul Pompeia.*

\_\_\_\_\_. Observa es preliminares sobre a técnica narrativa n'O Ateneu, de Raul Pompéia. *Carand *, Corumbá, v.3, p.39-49, 2012.

*Tentativa de estudo textual do romance a partir de uma sugestão metodológica de Roland Barthes, pela qual se busca demonstrar a pouca credibilidade narrativa subjacente   transi o do conceito de Tempo dos primeiros parágrafos àquele dos últimos.*

SANTIAGO, S. O Ateneu: contradi es e perquiri es. In: \_\_\_\_\_. *Uma literatura nos trópicos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p.66-102.

*Discutido no corpo do texto.*



SCHWARZ, R. O Ateneu. In: \_\_\_\_\_. *A sereia e o desconfiado*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1981, p.25-30.

*Em oposição ao estudo de Mário de Andrade, discute-se, de maneira exemplar, a importância central não do diálogo entre o escritor e o narrador, mas sim daquele entre o narrador e Aristarco, materialização do estilo retórico do romance. Para o crítico, o difícil equilíbrio d'O Ateneu entre realismo e subjetivismo se dá na objetivação do passado pela memória, concomitante à "propriedade de durar na consciência que as evoca" – sinal de modernidade indefectível da obra.*

SILVA, A. L. B. Para além do literário (dois momentos: França do século XVIII e Brasil do XIX): de Sade a Pompéia. *XII Congresso Internacional da ABRALIC*, Curitiba, jul. 2011. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0527-1.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2013.

*Menção rápida a O Ateneu a par de Os Sertões, como obras contestadoras da Retórica clássica (que se segue a uma discussão inicial de Sade e Restif de la Bretonne em torno do conceito de História).*

SILVA, F. I. O Ateneu revisitado. *Cadernos PUC: Arte e Linguagem – Língua e Literatura na Educação*, São Paulo, n.14, p.111-23.

*Muito semelhante à proposta de Francisco Araújo, aparentemente motivada em parte a partir deste artigo, trata-se de uma discussão do romance enquanto texto eminentemente metaliterário, que busca "libertar a linguagem das normas e modelos vigentes no século XIX" através da "construção de um livro cuja 'fonte original' seja a própria literatura". Há igualmente a mesma comparação ambígua e obscura com Homero, além de menções rápidas à possível "polifonia" e ao "dialogismo" da obra, revestidos pela ironia e pela paródia.*

SILVA, M. L. Por uma revisão crítica da obra de Raul Pompéia. *Acta Scientiarum*, Maringá, v.23, n.2, p.109-20, fev. 2001.

*Levantamento da recepção crítica d'O Ateneu, das Canções sem metro e dos contos de Pompeia, constando de um balanço crítico dos tópicos e observações mais recorrentes. Sua proposta final de leitura encontra-se acabada em sua tese de doutorado, publicada como O mal de D. Quixote. Há também, no número seguinte da mesma revista, um levantamento específico da recepção crítica das Canções sem metro.*

SILVEIRA, F. M. Introdução. In: POMPÉIA, R. *O Ateneu: crônica de saudades*. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1976, p.7-15.

*Discutido no corpo do texto.*

SOUZA, J. G. *O Ateneu*: um romance de formação. Rio de Janeiro: Publit, 2006.

*Embora seja declaradamente um estudo das relações d'O Ateneu com o Bildungsroman, trata-se, antes, de uma análise/levantamento da pluralidade temática e estilística do romance, tais como: caráter memorialístico do texto; pontos de contato com a vida do escritor; diálogo com o contexto do Brasil oitocentista; internato = microcosmo social; construção edipiana das personagens femininas etc.*

TORRES-POU, J. Crônicas de juventud: disciplina, docilidad y memoria en Miguel Cané y Raul Pompéia. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.35, n.2, p.51-60, jul. 2000.

*Estudo comparado do romance de Pompeia e de Juvenília, do argentino Cané, como exemplos de narrativas latinas que incorporam o surgimento do internato em ambos os países no final do século XIX. Destaca-se o ufanismo patriótico e religioso de Cané, para quem as memórias servem de suporte “para afirmar su fe en la orientación política de la nación”, “para estabelecer las bases de un proyecto nacional”, ante o republicanismo de Pompeia, que critica as bases da Monarquia através da narração de “su experiencia como alumno del Colegio Abilio”.*

VALARINI, É. Vínculo e ruptura: a carnavalização da linguagem. In: PERRONE-MOISÉS, L. (Org.). *O Ateneu*: retórica e paixão. São Paulo: Brasiliense; Edusp, 1988, p.177-83.

*Estudo das transgressões retóricas do romance a partir de conceitos de Mikhail Bakhtin e Northrop Frye, com observações sobre as ocorrências de paródia, sátira e ambiguidade na obra.*

VALLE, J. Escolas literárias: as “Crônicas de Saudades” de Pedro Nava e Raul Pompéia. *Sínteses*, Campinas, v.2, p.539-48, 2006.

*Estudo comparado entre as Memórias de Pedro Nava e O Ateneu, com base na referência comum ao Colégio D. Pedro II. Por detrás das aparentes semelhanças (Sanchez e Bello, Rebelo e Andréa etc.), o autor aponta uma diferença de tom entre as duas obras, que vai do humorismo saudosos de Nava à caricatura punitiva e culposa de Pompeia. Assim, enquanto há, no primeiro, uma mescla entre memórias e autobiografia, no segundo a ficção “atropela” a memória, “só podendo ser tida como ficção”.*

\_\_\_\_\_. Os muitos mundos de *O Ateneu*. *Revlet – Revista Virtual de Letras*, Jataí, v.2, n.1, p.95-110, 2010. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/23.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2011.

*Apesar de ser um artigo de extensão reduzida, trata-se de uma brilhante e coesa discussão sobre os sentidos possíveis dos parágrafos iniciais do romance. Para o autor, há aí três elementos centrais, que interagem como num jogo de espelhos: a “ilusão” do menino; a “desilusão” da vida adulta; e a “explicação” do narrador (auxiliada pelos discursos do Dr. Cláudio).*

YONAMINE, M. A. “O Ateneu: (homo)erotismo, metáfora e retórica”. In: \_\_\_\_\_. *O reverso especular: sexualidade e (homo)erotismo na literatura brasileira finissecular*. São Paulo: FFLCH, 1997, p.99-232. [Tese de Doutorado.]

*O capítulo dedicado a O Ateneu é, talvez, o levantamento mais pormenorizado das relações homoeróticas e afetivas do romance, e não deixa de acompanhar uma visão amadurecida sobre sua fortuna crítica. A conclusão um tanto biografista do estudo, de entendimento dos dramas pessoais de Pompeia como enjaulados ou enclausurados na ficção, não desmerece, todavia, o caráter revisionista do conjunto.*

## • Estudos de outras obras de Raul Pompeia

ALVES, H. L. Raul Pompéia no seu tempo. In: POMPÉIA, R. *Uma tragédia no Amazonas*. São Paulo: Clube do Livro, 1964.

*Revisão das condições restritas de publicação original da novela e elogio à presente edição, em que se faz um breve levantamento de alguns de seus intérpretes à época e se chega à posição um tanto exagerada de que seu autor tinha já aos dezessete anos “seu nome ao lado do de Machado, de Alencar e de Macedo”.*

ARAÚJO, G. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Canções sem metro*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013, p.11-55

*Bom panorama das diversas edições das Canções sem metro, que conta ainda com um breve estudo sobre o poema em prosa no Brasil, e suas influências do simbolismo francês e português. Uma versão mais aprofundada da análise dos poemas, como o indica o próprio autor, está em sua dissertação de mestrado sobre as Canções.*

ARAÚJO, R. L. *Raul Pompéia: jornalismo e prosa poética*. Goiânia: Editora da UCG, 2008.

*A partir de diversas sugestões de José Alcides Ribeiro, a autora estuda o “intradialogismo” que há entre nove poemas em prosa d’A Gazeta da*

*Tarde e sua versão definitiva em volume (Canções sem metro). Afirma-se que a prosa poética nasce no Brasil com as Canções, num encontro fortuito entre escrita jornalística e poética, e que elas podem ser vistas como “mito cosmogônico” (M. Eliade). Há contraposição às leituras de Marciano Lopes e Silva e Lêdo Ivo acerca do pensamento de Pompeia e do valor de seus poemas (que considera sua obra-prima, acima d’O Ateneu).*

CAROLLO, C. L. *Decadismo e simbolismo no Brasil: crítica e poética*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1981, v.2.

*Ressaltando o trabalho constante de reelaboração das Canções sem metro, a autora destaca diferentes versões retiradas de periódicos e jornais. Trata-se de um primeiro estabelecimento do texto, anterior à edição das Obras de Pompeia por Afrânio Coutinho.*

CORREA, R. A. *História e crônica: Raul Pompéia e a série “Da Capital”*. *História e Cultura*, Franca, v.1, n.1, p.41-52, 2012.

*Em oposição à abordagem literária e estética de intérpretes das crônicas de Pompeia como Marciano Lopes e Silva e Regina de Araújo, o autor busca tomar esses mesmos textos como testemunhos e documentos de sua época, bem como do pensamento intelectual brasileiro. No caso específico de Pompeia, assinala sua defesa jacobina da República nos anos de 1890 a 1895, posição extremada que, num quadro mais amplo, dividiu a intelectualidade da época.*

COUTINHO, A. *Canções sem metro: introdução*. In: \_\_\_\_\_ (Org.).

*Obras de Raul Pompéia: Canções sem metro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC; Fename, 1981, v.4, p.15-24.

*Além dos critérios empregados para edição dos poemas do autor, discute-se também seu valor literário, agrupando-o, à maneira de Venceslau de Queirós, junto a nomes como Charles Baudelaire – e até mesmo Lautréamont. Destaca-se o pioneirismo de Pompeia no poema em prosa brasileiro, assim como seu caráter filosófico e narrativo, próximo aos contos do escritor. Há depoimentos de Rodrigo Octávio e Coelho Netto sobre os poemas e a pessoa do escritor.*

\_\_\_\_\_. Nota preliminar: os contos de Raul Pompéia. In: \_\_\_\_\_ (Org.).

*Obras de Raul Pompéia: contos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC; Fename, 1981, v.3, p.9-12.

*Visão de conjunto da contística de Pompeia como de linha impressionista, seja na linguagem, seja nos elementos ficcionais: ênfase em deta-*

*lhes expressivos e na realidade psicológica das personagens, captação do instante transitório, visão imprecisa dos fatos etc. Destaca-se ainda sua imbricação com a produção cronística do escritor, assim como a influência estilística da écriture artiste dos irmãos Goncourt.*

DOYLE, P. Beleza e drama na selva amazônica. In: POMPÉIA, R. *Uma tragédia no Amazonas*. São Paulo: Clube do Livro, 1964, p.5-7.

*Elogio irrestrito à capacidade inventiva e à riqueza estilística da obra, escrita quando Pompeia contava apenas quinze anos. Ao invés de tomá-la em seu diálogo com os folhetins da época e com a literatura romântica, Doyle vê na novela uma antecipação dos romances policiais e de suspense do século XX, “à moda de Hitchcock”.*

FACIOLI, V. *Império da folia*. In: POMPÉIA, R. *As joias da coroa*. São Paulo: Nova Alexandria, 1997, p.7-17.

*Interpretação da novela As joias da Coroa a partir do que se considera a estratégia narrativa de Pompeia: manter a forma tradicional e aceita do folhetim, meio de ampla divulgação literária, e variar o conteúdo do mesmo, geralmente romântico e apolítico, valendo-se para isso do escândalo do roubo das joias imperiais, a fim de desprestigiar pela sátira a Monarquia de D. Pedro II.*

FRANÇA, J. A cidade como espetáculo de sensações: o Rio de Janeiro em crônicas de Raul Pompéia. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n.19, p.86-99, jan.-jun. 2012.

*Apontando de início as diversas classificações de sua obra, o autor discute o decadentismo e o pessimismo das crônicas de Pompeia na representação do Rio de Janeiro como cidade-“ameaça”: a massa humana, decorrente do crescimento populacional; a ignorância geral e o alheamento político ante a mudança de regime; o gosto popular pela literatura “de sensação” (vulgar) e pelos noticiários sensacionalistas etc.*

GOMES, E. Raul Pompéia, contista. In:\_\_\_\_\_. *Visões e revisões*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958, p.264-71.

*Estudo da natureza dúplice da contística do escritor: de um lado, da influência naturalista; e, de outro, do miniaturismo do estilo (à François Coppée). Destaca-se o papel do “cromo” dentre as formas usuais da época, assim como o diálogo entre os contos de Pompeia e sua sensibilidade autodestrutiva (“No mar”, “Durante a noite” etc.). Diga-se de passagem, o mesmo estudo está reproduzido no terceiro volume das obras de Pompeia, organizado por Afrânio Coutinho.*

MORATO, M. C. F. B. *O reflexo do cotidiano nas crônicas de Raul Pompéia: um olhar sobre a crônica jornalística-literária*. São Paulo: FFLCH, 2010. [Dissertação de Mestrado.]

*Levantamento sumário de cinco crônicas do escritor como momentos antecipatórios de conceitos da Teoria da Comunicação como os de “gatekeeper” e “agenda setting”.*

NASCIMENTO, D. O. Cenas pitorescas da infância e da adolescência nas crônicas de Raul Pompéia. *Anais do SETA*, Campinas, n.4, p.173-86, 2010.

*Discussão da presença do sensacionalismo dos fait divers da época na cronística de Pompeia, entendendo seu uso, entremeado a referências à literatura clássica e críticas ao gosto do público, como, por um lado, uma reação particular do escritor às pressões dos jornais, e, por outro, como confirmação dos elos estreitos entre a ficcionalidade do romance e a objetividade da crônica, típica de nossa tradição romanesca.*

\_\_\_\_\_. Juventude republicana das notas de rodapé: as crônicas de Raul Pompéia. *XII Congresso Internacional da ABRALIC*, Curitiba, jul. 2011. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0938-1.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2012.

*Breve discussão sobre a metáfora da juventude nas crônicas de Pompeia, passando pelo sentido transformador da juventude acadêmica, pelas incipiências da República recém-proclamada etc.*

\_\_\_\_\_. *Representações da infância, da adolescência e da juventude nas crônicas e na prosa ficcional de Raul Pompéia*. Campinas: Unicamp, 2011. [Tese de Doutorado.]

*O autor estuda os desdobramentos do tema da infância e juventude na obra de Pompeia – dentre romances, contos e crônicas –, chegando a três chaves de leitura: 1) a imagem politizada dos jovens e a idealização da juventude nas crônicas do período de 1886 a 1895, em que a figura da criança simboliza a República em formação; 2) a representação folhetinesca e sensacionalista da infância em alguns contos e novelas, com a narração de raptos, estupros etc.; e 3) o tratamento mais aprofundado da sexualidade da criança e do jovem em obras de maior fôlego, como no romance O Ateneu.*

NICOLA, J. *As joias da Coroa ou A Família Real desnudada por um republicano*. In: POMPÉIA, R. *O Ateneu. As joias da coroa*. São Paulo: Scipione, 1995, p.VII-VIII.

*Breve discussão da novela como “uma das mais cruéis sátiras à Família Imperial do Brasil”, continuada em um posfácio onde declara haver em seu texto “nuances naturalistas” e “um enredo ainda [ideologicamente] romântico”.*

OLIVEIRA, A. A. C. *Canções sem metro e Missal: as primeiras veredas do poema em prosa brasileiro*. Rio de Janeiro: UERJ, 2010. [Dissertação de Mestrado.]

*Estudo comparado dos poemas em prosa de Raul Pompeia e Cruz e Sousa, em que se destacam algumas de suas semelhanças (“perspectiva impressionista”, “imagética rica e bastante visual”) e diferenças (presença de um eu lírico pessimista e moralista em Pompeia, e de uma ênfase maior nas “sensações e angústias do eu lírico” em Cruz e Sousa). Há algumas confusões menores a respeito das diferenças apontadas, como a indicação de um narrador heterodiegético “com algumas ocorrências homodiegéticas e pouquíssimas autodiegéticas” nas Canções. Ao fim, há um levantamento da recepção crítica das obras.*

PAULA, S. G. As jóias roubadas. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Um monarca da fuzarca: três versões para um escândalo na corte*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993, p.9-31.

*Não se trata propriamente de um estudo sobre As jóias da Coroa, mas de uma discussão acalorada e jocosa do episódio do furto das joias, constando de diversos artigos e crônicas da época, caricaturas etc.*

QUEIRÓS, V. Literatura de hoje. In: COUTINHO, A. (Org.). *Obras de Raul Pompéia: Canções sem metro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC; Fename, 1982, v.4, p.15-24.

*Resenha da primeira edição da coletânea em volume (1901) que inaugura a recepção das Canções sem metro, dando-lhe o mote comparativo dos Petits poèmes en prose, de Charles Baudelaire. Para o autor, cada um dos poemas em prosa de Pompeia são tão interdependentes entre si quanto os do poeta francês, tal como “a espinha dorsal de uma serpente” (T. Gautier).*

SANDANELLO, F. B. Raul Pompéia, leitor de Baudelaire: da teoria das correspondências às *Canções sem metro*. *Opiniões*, São Paulo, ano 2, n.3, p.57-66, 2011.

*Tentativa de estudo comparado entre as Canções sem metro e os Petits poèmes en prose que busca enfatizar, na contramão de interpretações como a de Queirós, o quanto o texto brasileiro desvia a ideia original fran-*

cesa de “correspondência” para um falso paralelo de “vibração”. Afirma-se a independência, antes que interdependência, das Canções entre si.

SANDANELLO, F. B. Raul *Pompéia*, personagem. XIII Congresso Internacional da ABRALIC, Campina Grande, p.1-10, 2013. Disponível em: [http://anais.abralic.org.br/trabalhos/Completo\\_Comunicacao\\_oral\\_idinscrito\\_923\\_ffb450b3d3bfd82cc9c2e3cd6b74b76a.pdf](http://anais.abralic.org.br/trabalhos/Completo_Comunicacao_oral_idinscrito_923_ffb450b3d3bfd82cc9c2e3cd6b74b76a.pdf). Acesso em: 12 mar. 2014.

*Trata-se de um estudo não das obras de Pompeia, mas da recuperação do universo ficcional e biográfico do escritor por outros romances da literatura brasileira: Tentação, de Adolfo Caminha; O canudo, de Afonso Schmidt; e Investigação sobre Ariel, de Silvio Fiorani.*

SANTOS, S. X. *As metamorfoses de Raul Pompéia: um estudo dos contos*. São Paulo: FFLCH, 2001. [Dissertação de Mestrado.]

*Estudo fundamental e abrangente da obra contística de Pompeia, contando com o resgate valorativo de contos como “14 de julho na roça” e “Tilburi de praça” (para ficarmos apenas nos de maior projeção). A hipótese de que seu mosaico de contos derive do conceito de “metamorfose artística”, exposto por Pompeia a Araripe Jr., pretende abarcar o todo nem sempre harmônico dessa parte de sua produção, salientando nas recorrências temáticas – e nas consequentes maturações estilísticas – as “metamorfozes” do autor.*

\_\_\_\_\_. O conto esquecido pelo modernismo: *Tilburi de Praça*, de Raul Pompéia. *Anais do X SEL – Seminário de Estudos Literários “Cultura e representação”*, Assis, p.1-10, 2010. Disponível em: [http://sgcd.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/anais\\_2010/sidneixavier.pdf](http://sgcd.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/anais_2010/sidneixavier.pdf). Acesso em: 19 fev. 2012.

*Inserção de “Tilburi de Praça” na linha do conto tchekhoviano, em que a diversidade estilística, a perscrutação psicológica e a fluidez do enredo, marcas da obra de Pompeia como um todo, atuam como revisão do conto enquanto gênero. Há comparação entre o conto e “A cartomante”, de Machado de Assis, bem como uma alusão final ao sentido político-alegórico do narrador, rico e decadente, às vésperas da República.*

SILVA, M. L. A Pandora de Raul Pompéia. *Acta Scientiarum*, Maringá, v.24, n.1, p.29-38, 2002.

*Criticando os critérios de disposição das crônicas da seção “Pandora” nos volumes 7 e 10 das Obras compiladas por Afrânio Coutinho, o autor analisa especificamente os textos que constam de discussões ou exposições*



*estéticas de Pompeia, com destaque para a crônica/conto “Mutismo”, em que convergem elementos simbolistas e (antecipadamente) surrealistas.*

SILVA, M. L. A recepção crítica das *Canções sem metro*, de Raul Pompéia. *Acta Scientiarum*, Maringá, v.24, n.1, p.19-28, fev. 2002.

*Excelente levantamento da recepção crítica das Canções sem metro, praticamente indispensável como guia para as leituras da coletânea. A versão acabada, contudo, de sua revisão crítica, está em sua tese de doutorado Uma angústia finissecular, publicada pelo título O mal de D. Quixote.*

\_\_\_\_\_. Impasses de um formalista *avant la lettre*. *Acta Scientiarum*, Maringá, v.24, n.1, p.19-28, 2002.

*Estranhamente, os dois artigos acima compartilham das mesmas referências bibliográficas na referida revista eletrônica, embora sejam inteiramente distintos um do outro. Em todo caso, no presente artigo, o autor investiga o pensamento estético de Pompeia a partir de suas crônicas da seção “Pandora” da Gazeta de Notícias, chegando à conclusão de que o mesmo aproveita diversas proposições do simbolismo, através de uma mundividência romântica. Ademais, o autor tece paralelos menores entre os textos da “Pandora” e os discursos do Dr. Cláudio d’O Ateneu, tomando-o, assim, como porta-voz do escritor.*

\_\_\_\_\_. O dilaceramento romântico na obra de Raul Pompéia: a luta entre o espírito revolucionário de Proudhon e o pessimismo de Schopenhauer. *Anais do Congresso Nacional de Linguagens em Interação*, Maringá, 2007, p.552-61.

*Discussão do pensamento filosófico e estético de Pompeia em três de suas obras – em trechos das Canções sem metro, em um dos discursos do Prof. Cláudio d’O Ateneu, e na crônica “Cavaleiros andantes” –, com destaque para a influência da visão de mundo romântica sobre o escritor. O desenvolvimento completo desta proposta encontra-se no livro O mal de D. Quixote.*

\_\_\_\_\_. O impressionismo romântico de Raul Pompéia. *Acta Scientiarum*, Maringá, v.26, n.1, p.61-71, 2004.

*Análise de elementos impressionistas no conto “O perfume dos bolos”, tais como a fragmentação formal, a justaposição de elementos, a quase ausência de diegese etc. O autor conclui, após um levantamento paralelo do significado do Impressionismo na literatura, que o conto de Pompeia ultrapassa a classificação impressionista, antepondo aos “problemas téc-*

*nicos da representação visual do mundo físico [...] os problemas de representação do mundo imaginário e transcendente dos sonhos e da memória”.*

SILVA, M. L. Os pobres infantes de Raul Pompéia e Charles Baudelaire. *Acta Scientiarum*, Maringá, v.26, n.1, p.49-59, 2004.

*Estudo comparado entre cinco poemas em prosa de Pompeia e outros cinco de Baudelaire, onde a infância é tratada como ponto de partida para as desilusões da vida, em contraponto à visão idealizada de autores românticos como Casimiro de Abreu e Victor Hugo. Reproduz-se a definição de Hugo Friedrich à poética de Baudelaire – “romantismo desromantizado” – e propõe-se uma definição paralela à poética de Pompeia – “romantismo desencantado, mas renitente”.*

\_\_\_\_\_. *O mal de Dom Quixote: romantismo e filosofia da história na obra de Raul Pompéia*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

*Estudo aprofundado de obras menos comentadas de Pompeia – Canções sem metro, contos, artigos e crônicas – que se pauta na hipótese de que seu conjunto expressa “uma visão de mundo romântica em crise”. Há uma revisão paralela de sua recepção crítica, assim como uma aproximação entre o pensamento pessimista de Pompeia ao de Schopenhauer e à estética moderna de Poe-Baudelaire. No que diz respeito a O Ateneu, há uma indicação breve, próxima ao fim da discussão, de que seja uma alegoria da “derrubada do Segundo Império”.*

\_\_\_\_\_. Raul Pompéia e Charles Baudelaire: afinidades literárias. VII *Semana de Letras da Fafjan*, Jandaia do Sul, v.7, p.85-90, 2002.

*Desenvolvimento da recorrente indicação dos críticos de Pompeia acerca da influência da obra de Baudelaire sobre sua própria, no sentido de um comum sentido de desilusão diante da derrocada dos ideais românticos. Há comparação entre o conto “O perfume dos bolos”, do primeiro, e o poema em prosa Le gâteau, do segundo.*

SIMÕES, R. J. “Raul Pompéia”. In:\_\_\_\_\_. *O escândalo do roubo das jóias: o Imperador e a Condessa de Barral em folhetins cariocas*. São Paulo: FFLCH, 2001, p.113-39. [Tese de Doutorado.]

*Discussão d’As jóias da Coroa como roman à clef e sátira à família real, com destaque para as figuras do Duque de Bragança e de Manuel de Pavia, reflexos imediatos do imperador e de seu mordomo. O autor, que estuda outros folhetins que se valeram do mesmo escândalo do roubo das jóias, salienta no caso específico de Pompeia o enfoque moral de sua crítica à Monarquia, reforçando “a baixaza do governante brasileiro – capaz de*

*sentimentos sórdidos e mesquinhos – como se este não fosse moralmente capaz de conduzir a Nação.”*

VIANNA, M. A. B. *Crônicas de Raul Pompéia: um olhar sobre o jornalismo literário do século XIX*. São Paulo: FFLCH, 2008. [Tese de Doutorado.]

*Discussão de quatro crônicas de Pompeia com ênfase nas técnicas e temas discutidos – “Glória latente” (poética), “Imprensa e suicídios” (crítica social), “Céu e inferno” (política) e “O carnaval do Recife” (impressionismo). Há algumas imprecisões menores, como a afirmação de Pompeia ter sido efetivamente representante do “Partido da Emancipação Nacional” (em oposição ao “Partido da Colônia”), o que, todavia, não merece as indicações paratextuais de diversas crônicas (resumos, índices onomásticos etc.).*